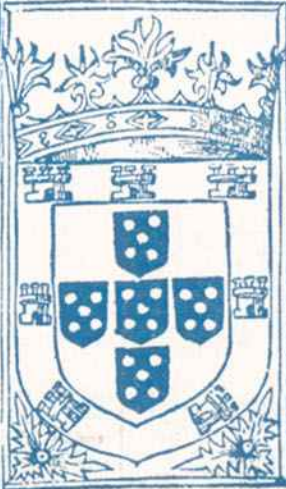
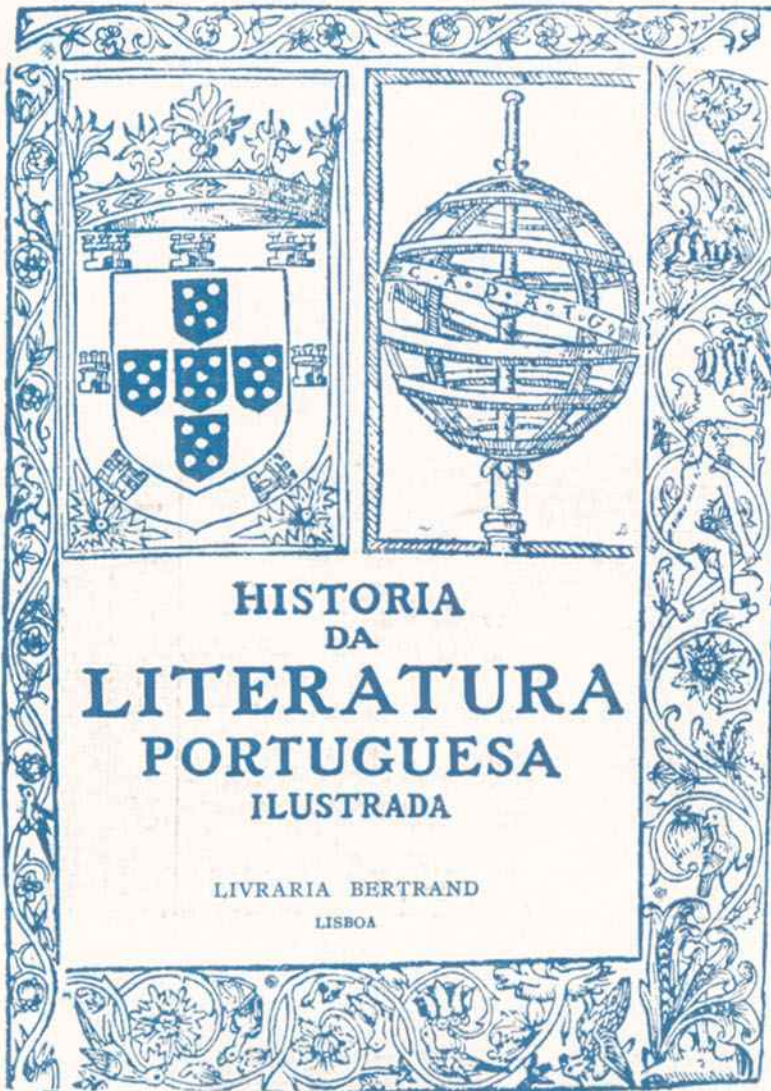


ILUSTRAÇÃO



MERCADO DA LOUZÃ — (QUADRO DE CARLOS REIS)



HISTORIA
DA
**LITERATURA
PORTUGUESA**
ILUSTRADA

LIVRARIA BERTRAND
LISBOA

**Saiu o tomo XXXVI, completando
o 3.º e ultimo volume
A MAIS BELA OBRA ATÉ HOJE
EDITADA EM PORTUGAL**

PREÇOS INCLUINDO EMBALAGENS REFORÇADAS

CONTINENTE E ILHAS

Assinatura especial de cada número saído mensalmente e pelo correio contra o reembolso (só para o continente e ilhas) 11\$50

3 meses 6 meses 1 ano

Assinatura (pagamento adiantado) 30\$00 59\$00 118\$00

REGISTADO

ÁFRICA ORIENTAL, OCIDENTAL E ESPANHA 34\$50 67\$00 132\$00

ÍNDIA, MACAU E TIMOR 36\$00 79\$00 138\$00

ESTRANGEIRO 37\$00 72\$00 142\$00

Cada tomo avulso, não incluindo porte e embalagem 10\$00

**HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA
PORTUGUESA**

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DE
ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO
Da Academia das Ciências de Lisboa

ALGUNS DOS PRINCIPAIS COLABORADORES

- AFONSO LOPES VIEIRA, escritor.
AFONSO DE DORNELAS, da Academia das Ciências de Lisboa.
AGOSTINHO DE CAMPOS, da Academia das Ciências, professor.
AGOSTINHO FORTES, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
ALVARO NEVES, escritor, Conservador da Biblioteca do Congresso da República.
ANTÓNIO BAIÃO, da Academia das Ciências, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
AUGUSTO GIL, da Academia das Ciências, director geral das Belas Artes.
BRITO CAMACHO, escritor.
CARLOS MALHEIRO DIAS, da Academia das Ciências, escritor, director da *História da Colonização do Brasil*.
CRISTÓVÃO AIRES, secretário geral da Academia das Ciências de Lisboa.
COELHO DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa.
EUGÉNIO DE CASTRO, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA, da Academia das Ciências, director do Arquivo Histórico Militar.
GUALDINO GOMES, director interino da Biblioteca Nacional de Lisboa.
HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Escola de Belas Artes.
HENRIQUE DE VILHENA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, director do Instituto de Anatomia.
JOÃO DE BARROS, da Academia das Ciências de Lisboa, director geral da Instrução Primária, professor.
JOÃO LÚCIO DE AZEVEDO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JOAQUIM DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras, director da Biblioteca e Administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra.
JOAQUIM LEITÃO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JORDÃO DE FREITAS, director da Biblioteca da Ajuda-Lisboa.
JOSÉ DE FIGUEIREDO, da Academia das Ciências, director do Museu Nacional de Arte Antiga.
JOSÉ JOAQUIM NUNES, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, da Academia de Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, director do Museu Ethnológico.
JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA SIMÕES, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo professor da Escola de Guerra.
JOSÉ MARIA RODRIGUES, da Academia das Ciências, professor de estudos camoneanos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JÚLIO DANTAS, Presidente da Classe de Letras da Academia das Ciências, Inspector das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, Director da Raça de Arte de Representar.
LUIZ XAVIER DA COSTA, da Academia das Ciências de Lisboa, Presidente da Associação dos Arqueólogos.
MANUEL DE OLIVEIRA RAMOS, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
MANUEL DA SILVA GAIO, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo Secretário Geral da Universidade de Coimbra.
MARTINHO AUGUSTO DA PONTECA, da Academias das Ciências de Lisboa.
MOSES BENHARAT AMEALACK, da Academia das Ciências de Lisboa, professor do Instituto Superior do Comércio de Lisboa.
F. M. LARANJO COELHO, da Academia das Ciências de Lisboa, Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Director da Secção de Diplomática da Associação dos Arqueólogos.
QUEIRÓS VELOSO, da Academia das Ciências de Lisboa, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
REINALDO DOS SANTOS, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.
RICARDO JORGE, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Director Geral da Saúde Pública.
S. COSTA SANTOS, escritor.

EDIÇÃO MONUMENTAL
A HISTORIA ILUSTRADA DA
LITERATURA PORTUGUESA

(FORMATO 32 x 25)

EM TOMOS MENSIS DE 32 PÁGINAS,
ÓTIMO PAPEL COUCHÉ,
MAGNICAMENTE ILUSTRADOS

CONTERÁ

biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rostos de edições raras, manuscritos, miniaturas e fac-símiles de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quais *HORS TEXTE*, a cores.

CONSTITUINDO

um precioso album em que pela primeira vez, entre nós, se reúne uma tão completa e curiosissima documentação gráfica.

ARTIGOS DE ESPECIALIZADOS PROFESSORES E LITERATOS DE NOME CONSAGRADO

CADA TOMO... .. 10\$00

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL



Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveri-
sações, etc.

FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens.

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12
Telefone E 72

LIGA BRILHAN-
TE DE BASE DE
ESTANHO

Apresenta um bri-
lho que pode servir
para fazer imitações
de brilhantes e pe-
dras preciosas.
Obtem-se muito
simplesmente com
29 partes d'estanho
e 19 de chumbo.

Pode fazer-se
aderir ao vidro la-
vrado, produzindo-
se curiosos reflexos
sobre esta delgada
camada de metal,
atravez do vidro.

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand, Ltd.^a
Editor: Francisco Amaro
Composto e impresso na Imprensa da PORTUGAL-BRASIL
Rua da Alegria, 100—Lisboa
PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular. (Registada).....	30\$00 32\$40	60\$00 64\$80	120\$00 129\$60
Ultramar Português (Registada).....	—	64\$50	129\$00
Espanha e suas colonias (Registada).....	—	63\$00	126\$00
Brasil (Registada).....	—	67\$50	135\$00
Outros países (Registada).....	—	75\$00	150\$00
		84\$00	168\$00

Administração — Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa
Visado pela Comissão de Censura



Embelezam, Rejuvenescem, Eternizam a mocidade! *Estou com 7 amostras*
14\$00, pelo correio 15\$00 — Peça-os ao seu fornecedor ou directamente
à Academia Scientifica de Beleza — Av. da Liberdade, 35 — LISBOA



UMA BELLA LINHA DE SAUDE

Vós tendes uma excelente saúde. Desconfi-
portanto das pequenas doenças que degeram
depressa em graves enfermidades. As vestas
digestões são pesadas, o vosso fígado pre-
juçoso, o vosso intestino é rebelde? Não esperis
um só instante para começar a tratar a vossa
linha de saúde. Velai por ela. Tomai regular-
mente Eno's "Fruit Salt", que é um po efar-
vescente, sem assucar, sem sal mineral purga-
tivo, Eno poe nos ao abrigo das caim'ras,
nauseas, pe'o no estomago, vertigens, ena-
quecas e da horrivel pr's o de ventre e da' vos
o meio mais eficaz de poderdes guardar du-
rante longos anos, saúde, felicidade, actividade.

Uma colher das de café, num copo de agua, pela manhã
e à noite



Depositaris em Portugal **Robinson, Bardsley & Co. Ltd.**
8, Caes do Sodré, LISBOA.



Contra

todas as dôres

não ha remedio de acção tão rapida como os comprimidos de

CAFIASPIRINA

Os seus efeitos são tambem Insuperavel nas nevralgias,
dôres de dentes e de ouvidos, nas enxaquecas, assim como
tambem nos Incomodos periodicos das Senhoras.

Alivia o cerebro, aumenta o bem estar
e não ataca o coração nem os rins.



À venda em
todas as farmacias.



PORTUGAL DE ALGUM DIA

por **ROQUE GAMEIRO e MATOS SEQUEIRA**

CENAS, COSTUMES E USOS DE OUTRO TEMPO

Obra em 2 vol., num total de 240 paginas de texto, 122 estampas
sendo 31 a quatro côres e 91 a preto

Reproduções de formosissimas aguarelas de Roque Gameiro

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

- | | |
|--|---------|
| a) Pagando por uma só vez a obra | 25o\$00 |
| b) Pagando em duas prestações, no principio dos 2 volumes ou seja por ocasião da distribuição do 1.º e do 8.º tomo | 27o\$00 |
| c) Pagando tomo a tomo (20\$00 cada) | 30o\$00 |

Os tomos serão publicados mensalmente

**Pedidos de assinaturas á administração do "DIARIO DE NOTICIAS"
na sua Filial, sucursais e agencias**

BIBLIOTECA DOS PEQUENINOS

"Trinta mil por uma linha"

POR **D. EMILIA DE SOUSA COSTA**

Acaba de aparecer este lindo livro de contos com interessantissimas ilustrações de ALFREDO DE MORAIS

O noivo infeliz—A cabicanca—Beijo maldito—Caluberbriga—Oh! meu S. Benedito! Tanto procurou que sempre encontrou!—No reino dos macacos—Lauro é!—O galego espertalhão—A moura Cassima—O sabichão—O irmão burro—Maria da extravagandia.

Preço 5\$00

A' venda na Filial do DIARIO DE NOTICIAS, Largo de Trindade Coelho, 10 e 11 e em todas as livrarias

A' VENDA EM TODAS
AS BOAS LIVRARIAS
A 2.^a EDIÇÃO

DO
TOLEDO

IMPRESSÕES
E EVOCÇÕES

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

1 Volume de 262 páginas
brochado Esc. 10\$00
encadernado » 14\$00



PEDIDOS AOS EDITORES
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

Manuel de Sousa Pinto

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO
CARICATURISTAS



DESENHOS ESCOLHIDOS
POR
MANUEL GUSTAVO
BORDALLO PINHEIRO

1 vol. fol. Edição de luxo,
com 90 grandes ilustrações
de Bordallo Pinheiro, repro-
duzidas pela photogravura,
além d'outras inseridas no
texto. Impressão a preto e
côres sobre papel couché.

Cart. 40\$00; br. 30\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80—LISBOA

Biblioteca de Instrução Profissional

UMA OBRA DE ALTO VALOR

VOCABULÁRIO

DE

TERMOS TÉCNICOS

EM

Português, francês e inglês

COM 6.318 VOCABULOS

Pelo engenheiro-maquinista

RAUL BOAVENTURA REAL

1 vol. de 557 pags., encadernado
20\$00

PEDIDOS A

LIVRARIA BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75
LISBOA

ACABA DE SAÍR
a 7.^a edição, revista

O último olhar de Jesus

POR

ANTERO DE FIGUEIREDO

1 vol. de 375 pags., brochado . . . **12\$00**
Encadernado **16\$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

ESTÁ Á VENDA O

Almanach Bertrand

Fundado por Fernandes Costa e coordenado por D. Maria Fernandes Costa

UNICO NO SEU GENERO EM PORTUGAL

A mais antiga e de maior tiragem de todas as publicações em lingua portuguesa — **Recreativo, Ameno, Instrutivo** — Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros — Passatempo e Enciclopédia de conhecimentos úteis, colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos.

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 441 gravuras, cartonado 10\$00
Encadernado luxuosamente 18\$00

34.º — ANO — 1933

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

**Pedidos á LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA**

O MESTRE POPULAR ou O INGLÊS SEM MESTRE

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura, ao alcance de todas as inteligências e de todas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros por JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA

8.ª EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. En. Esc. 30\$00

PEDIDOS A

**S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA**

PAULINO FERREIRA :: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1884

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

**Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA
Telefone 2 2074**

CONCURSO

Dispor os algarismos de 1 até 9 nos quadrados, colocando o 5 ao centro, de modo a



somar 15 em todos os sentidos. Os leitores que encontrarem a solução e se conformarem com as nossas condições receberão um **Explêndido Brinde** (um gramofone ou uma joia). Enviar a resposta, franqueada com um selo de 1\$25, a Etablissements ANGELUS, Service M., 22, rue des 4-Frères Peignot, Paris-15° (França).

Junte, para a resposta, um sobrescrito com a sua direção.

DOCES E COZINHADOS

O livro de cosinha de maior utilidade

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

Um volume encadernado com 351 páginas

Esc. 25\$00

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Crónica da Quinzena

LONGE das vistas, alheia às vozes do mundo, se gerou, cresceu, formou a obra notável digna de admiração. que subito apareceu no Parque Eduardo VII. Habitado como se anda ao abuso permanente dos que a portugueses apresentam, por fazenda boa, universal, rubricada de «não se faz melhor lá fóra» misérias, ou burlas em parte nenhuma cometidas, razão há para celebrar, como acontecimento memorável, esta apresentação seria, digna, sem a usual impostura prévia, de um trabalho valioso, de mérito inconteste.

A Exposição Industrial Portuguesa constitui de facto um caso raro, imprevisível, se procuramos indentificá-lo, dentro dos nossos hábitos e costumes. Não era de esperar, e, se o promettessem, ninguém acreditaria que na verdade nos oferecessem, em vês de uma feira parlapatoana, com curiosidades de circo e frituras populares, a verdadeira representação de um composto dêste género, tal como outros visitáveis em países de autêntica cultura.

Póde bem dizer-se que desta feita não deu sinal de si o estro picaro vulgarmente usado em actos de semelhante categoria. Pelo contrário devemos reconhecer a presença de um espírito europeu, comedido, sóbrio, tanto na escolha dos motivos, como na fórmula de apresentá-los.

A exposição é uma exposição, com a característica própria, sem pompa demasiada, sem fingimento pelintra, aquilo que se pedia a um povo laborioso, honrado, de riqueza modesta.

Quanto ali se vê, nos fica bem, se ajusta ao nosso corpo, traduz a nossa condição, satisfaz o nosso orgulho de país sem grande fortuna, apenas remediado, entretanto com a energia suficiente para viver sem vergonha do mundo,

bastando-se, demonstrando pelo facto a sua independência.

Dentro do palácio, em numerosos sectores, fora do palácio, em numerosos mostradores, há pasto de sobra para o nosso orgulho nacional, conforto bastante para o anseio de portugalidade insatisfeito, sempre vivo em nosso sentimento.

Por certo grande parte dos visitantes, ao percorrerem as salas, mirando as espécies, fabrico, variantes do que se encontra exposto, colhem vasta surpresa. Espanta-os o que observam. Não esperavam que em Portugal se produzisse muito do que veem. Causa-lhes assombro a iniciativa, o acabamento, principio e fim de artefactos, saídos de empresas industriais que nem sequer se sonhava existirem no país. A ourivesaria do Porto, a relojoaria de Guimarães, a marmoraria de Bemfica, a cortiçaria de Portalegre, a metalurgia do Tramagal, depois as malhas, as sedas, os panos, mesmo os coiros, até os botões, para terminar nos instrumentos de precisão, obrigam a crer na realidade de uma vida industrial que muitos, mesmo entre letrados, consideravam inexistente, senão impossível. Contar-se-ão aos milhares os portugueses de marca, instruídos, seleccionados que não supunham exequíveis, dentro das fronteiras, os bons chapéus que pagam por italianos, os bons fatos que compram por ingleses, os relógios que lhes sôam a suíços. Observado com atenção, o que se lhes apresenta, breve reconhecem quanto lhes tem custado a descrença no produto português e a confiança no estrangeiro, donde resultou adquirirem, a preço de alheio, o começado e concluído por mãos de conterrâneos.

Vício nascido nos tempos de ensaio e adaptação dos novos métodos da mecânica, em que a obra de refugio dominava no pleno do oferecido a consumo, não nos admiremos que perdure. O descré-

dito demoradamente formado, fixou-se na memória, até constituir hábito corrente a afirmativa do comprador, ao sortir-se na loja, de que «o género português não presta».

A Exposição desmente êsse dito corriqueiro do homem viajado, da mulher elegante, a cada hora repetido nos estabelecimentos de luxo. Os que dispozem de senso comum, depois de bem analisarem o exposto pelos fabricantes, entendem o lógro em que há muito caem, gastando como estranho o nascido e criado à luz do nosso sol. E, vamos, os que não padecerem de xenofilia, apenas verifiquem o engano, sorriem e acomodam satisfeitos, confortados pela convicção de que a gente, o país, a nação a que pertencem vale como as outras, em capacidade, inteligência, esforço e possibilidades de progresso.

Centos de milhares de portugueses passaram já por diante do que se acha no recinto da Exposição Industrial. Deveria fazer-se com que passassem milhares, chamando-os de todo o território para verem, edificarem o espírito, tonificarem o sentimento e, porque não, criarem entusiasmo pelo valor da raça ocupante desta faixa de terra atlântica. Não parece exagêro pedir que as escolas, completas de mestres e discípulos, por ali circulem, em companhia de bons explicadores que instruem do que é e do que vale, quanto se vê.

Motivo de fé nas virtudes dos homens, e esperança no futuro da colectividade a que pertenceu, deve aproveitar-se como lição e estímulo para a juventude que há-de continuar e perpetuar a obra tão dolorosamente iniciada e defendida até ao pleno vigor que atingiu.

Louvido seja quem se empenhou em trazer a lume a bela prova que estas palavras referem.

Samuel Maia.



SANSÃO, vieram ter comigo, carregados de presentes e em choro desfeito: os filhos de Eliab; a mãe de Naara, casada com aquele feio homem de Sichem; umas mulherzinhas de mando de Heber, de Betel; e a irmã ou cunhada, não

sei bem, de Atanai, gabionita. Estão inocentes e os seus acusadores devem ser confundidos e castigados. Não esqueces, Sansão? Os pequenos de Eliab fizeram-me muita pena. De tantos que são, róticos; grulhas, tenrinhos, parecem uma ninhada de pintos, perdidos da mãe.

— O pai passa por assaltar de noite os viandantes. Que se há de fazer a piranga de tal calibre senão pendurá-lo dum galho de oliveira? Quanto a Naara, temos conversado: era o prato de arroz doce da locanda.

— Para que casou o homem com ela?

— Distracções!

— Distracções! Pois que continuei distraidamente o homem dela.

— Seria dar escândalo, minha rica. Já por via da absolvição de Hotoniél, o samaritano que partiu o . . . ao boi do vizinho, o povo se fartou de bramar. E por uma bagatela, vê lá! Nada, não me venhas pedir por ladrões dos quatro costados como esse Heber, que tem a casa forrada com a pele da viúva e do órfão, ou esse Atanai, tão sevandija que nem a terra o há de comer.

— Olha que estão inocentes, Sansão! Trouxeram-me uvas, muito gradas e madurinhas, um rico cabrito — derrota um braço — uma teia de linho de Moab, e dois grandes boiões com unguento de nardo. Ceguinha eu seja se não estão inocentes. . .!

As derradeiras palavras de Dalila não as ouviu Sansão, leva que leva direito ao monte em que, debaixo do sicómoro que dava sombra antes de Caleb pisar a terra da Promissão, julgava háanos Israel. Em cima havia já grande concurso de povo: os acusados em liberdade e os presos com seus guardas, testemunhas, famílias, curiosos e a praga miúda dos oficiais da justiça, odiosos, ladros e birrentos. Mal apareceu o chefe à entrada do rocio, dobraram-se as frentes corteses e submisas. Ia o juiz à beira dos cincoenta, mas era o homemzarrão de sempre, mãos de bronze, feições largas, manteladas, gaforina engrandecida com anos e anos de livre pujança, púrpura por debaixo do manto de pele de cameló, como príncipe.

O primeiro a ser julgado chamava-se Hanab e era um magrizela, alto, cabeça de pássaro, pendente como gira-sol no crepúsculo. Tinha a barba suja ensilvada, rótulas tão esbranquiçadas e cascudas, à força de roçarem pelo chão, que alvejavam com as dos bodes na negrura da carne. Cobria-se com uma samarra, salpicada de ilhéus de pelo aqui e acolá, como oásis no deserto, que devia ter sido de bicho, de todo porém indeterminável. Era caçador de laço comendo do que pegava e das peles que vendia.

A vizinha, mulher meia velha e ruça que gozava fama de beata, com quem tivera dares e

JUSTIÇA DE SANSÃO

tomares, acusava-o de haver comido lebre ensopada, pecado de imundificação: *Não comerás de animais de quatro patas que não ruminem, não tenham a unha rachada e o casco em forquilha. A lebre, sendo boa ruminante, não tem a unha fendida.*

— Eu não comi lebre nenhuma — contestou Hanab. — Trouxe uma na Pentecostes, sim, porque a caçei de noite e não via bem para lhe tirar a pele, que os serranos do Libano apreciam muito para barretes. Hulda, és capaz de jurar pelas cinzas do teu defunto que me viste comer carne de animal imundo?

— Não te vi comer, mano. Mas sei de certa certeza que a chamaste ao fole porque encontrei os ossos à porta.

— E reparaste bem que não eram de cabrito, mulher danada?

— Cabrito, tu? Ah, ah, quem te dá pastéis de gafanhotos!

— Pois enganaste-te, que era cabrito, cuseu-lheira, lacrau, carocha de altar. Era cabrito que mo trouxe o compadre de Engadi. Porque deste



parte de mim, sei eu. Foi para te vingares de te dizer tó ruça quando me vieste com a bichaninha-gata do matrimónio. Não é certo, coruja das cavernas?

— Foi lebre ou foi cabrito o que Hanab comeu? — cortando o despique, interrogou o juiz para a segunda testemunha, de ar tão pária como o réu, coveiro de ofício.

— Foi lebre.

— Como sabes?

— Passei à porta dêle e cheirou-me a cozinheiro montesinho.

— Perjuro, ladrão de sapatos de defunto, acusa-me porque Hulda te ensinou! — rompeu Hanab a gritar. — Não tendes o casamento tratado, cachorros, morecos das sepulturas?

Andava muito relaxada a moral pública, eram bastos como sarna os criminosos, e Sansão mostrou-se severo com o caçarreta, não obstante seus protestos e juras: dez vergastadas e obrigação de se purificar no prazo de oito dias.

A êste sucedeu Ram, da comarca fronteira a

Moab, que os vizinhos, acaudilhados pelo levita, acusavam de tôdas as manhãs que Deus deitava ao mundo assoalhados dirigir uma invocação ao sol. Era um pobre camponês que de seu não oossuía mais que dois palmos de horta e o bordão com que ia aos recados de tribo em tribo. Mas, ó maravilha, tinha ar alegre e saudável, faces rubicundas e em seus olhos havia mais vida que nos seus peixinhos de ribeiredo. De boa mente repetiu as palavras que proferia voltado para o sol, nunca lhe passando pela cabeça que fizessem parte do ritual gentio:

«Sol, bom e magnífico sol, que regas de luz céu e terra, infundes nas plantas a seiva que desata em flor, aqueces o velhinho contra o abrigo das paredes; sol que afugentas o leopardo do caminho do viandante, socorres o enfermo na luta com as sombras da noite, defendes a casa do ladrão, a virgem do fauno burlador; sol, que és a alma e força do mundo, desce ao meu quintalinho e não aganes com os teus ardores as minhas couves tenras e temporãs, nem deixes por falta de espíritos de fazer desabrochar as sementes nos canteiros. Sol bom e magnífico, quando eu sair de jornada, como faço dia por dia desde que me conheço, alumia-me as verdadeiras através do deserto e não deixes baixar a noite enquanto não avistares ao longe, sobre a minha santa terrinha, o fumo vadio das lareiras.»

Aqui estava. Era oração? Foram de parecer

que, sendo Ram arraiano, aquelas vozes regumavam ao culto proibido dos astros, observado além fronteiras por povos que Jeová, cujo nome significa forte e zeloso, mandava exterminar até o último rebento de homem e de árvore. Condenado à lapidação fora de portas, ouviu a sentença sem empalidecer, ar sobre o zombeteiro, como se se tratasse de levar recado por um caminho que os tiranos, estultamente, supusessem o mais escabroso de todos.

Ocupou-se, em seguida, o pretório com a demanda dum jerico. Eliab, cara tismada, nariz adunco, perna alta e esquelada de marabu, meio em coiro, de seu mester vendilhão de adufes, disse:

«Na extrema da tribo de Benjamin com a de Efrém

encontrara um jumento picaroso, frígido das mósca, sem atafais nem cabeçada. Perdido. Com o simples chapejar do pé o jôra tangendo diante de dêle, sem se esquecer de deitar bando pelas terras que atravessava: *dão razão de patrício ou forasteiro que tenha perdido a bestinhara*. Aqueles tios que metessem a mão no seio e testemunhassem se assim não era. . .»

Avançaram em círculo meia dúzia de rostos guedelhudos, terrosos, a olhar por detrás das côcas de velhos balandraus, que afirmaram enérgicamente ser aquela a pura da verdade.

«Ninguém se acusará. Vem a feira dos quinze do Hebrão e, tolo dêle, caíra em conduzir lá o animal sempre na teima honrada de desencantar o dono. E andava na boa paz do Senhor quando duas mãos enormes desceram como aves de rapina sobre o burro, e uma boca de cisterna, lhe berrava nas barbas: *Ladrão! Ladrão!* Apenas lhe retrucara: *Se a cavalgada é sua e o prava, leve-a, mas primeiro há de pagar a manutenção. Seja que não seja, encurte a língua que não tenho as suas*

manhas nem as de seu pai. Que tal disseste! Foi como picar um leão. Engalinhara-se a êle com tanta fúria, que salvar a vida fôra milagre do Deus que salvara seus pais do Faraó. Implorava ao grande e justo Sansão que, em paga do achincalhe que sofrera, tomando em conta as cinco rosas de avêia que manjara o asno, a posse dêste lhe fôsse confirmada.

A parte, recoveiro da tribo de Efrem, que durante o arrazoado de Eliab se arrepelava, rangia os dentes, mordida os pulsos, matraqueava na testa com os nós dos dedos tôda uma mimica da raiva e da impaciência que divertia os basbaques, e o juiz, a certa altura, se viu forçado a cominar com severa e refita mirada, contestou dêste jeito:

— Eu ia de jornada com duas sacas de farinha quando, para dar folga ao burro, me pus a descansar no caminho de Jericó à sombra das palmeiras. Tirei-lhe o aparelho e como fizesse grande calma ferrei a cabeça na carga e adormeci. Quando abri os olhos, asno que é dêle? Bestinhas destas, quando o demo lhes dá para moscar, tomam o caminho da estrebaria. Qual, encontre-lhe as petigadas mas no sentido contrário, isto é, direito a Emaús, bem dentro da terra de Benjamim. — Estás roubado, tão certo como chamares-te Eliezer, tetranelo de Husi, um dos doze que, às ordens de Josué, arrancou com um calhu do leito do Jordão, o qual engendrou a Abiú, e Abiú engendrou a Elcana, e Elcana engendrou a Habor, e Habor engendrou a Refa, e Refa tomou por mulher a Sera, a qual pariu Azarias, Abias e Eliezer, o cadete, que és tu, almoceve desde te nasceram os dentes. Cá vai o rasto do burrinho e do larápio — disse comigo. Carreguei a faneira para casal próximo, onde morava gente de confiança, pois podiam tirá-la pelo faro os chacais que se pelam por farinha, ou a raposa que, se tem fome, até a soleira das azenhas vai lambar, e puz-me em campo. Breve perdi o rasto

e, por mais que buscasse, ninguém soube dar fé do animal. Decorrido obra de mês, encontro o compadre Assur, de Geba, que me diz: — Hoje no mercado de Mizpa dei de cara com o meliante do Eliab, de jumento, uma bonita estampa, pelo cabresto Estive vai e não vai para lhe perguntar onde palmou o bicho, mas como é fraco triste e não se benze duas vezes para dar uma maldada a um pândego, calci. Mas deu-me no goto ver o farroupilha tão bem montado. Será êle o teu? — Bem podia ser, e magiquei com os meus botões: Onde te caço é no mercado do Hebrão, onde és perdido e achado. — E assim foi. Mas, dialho, o asno não era o meu; a pelagem pareceu-me escura em demasia e estava tosquiado; clinas, também, trazia-as rentes, quando as do meu andavam soberbas; rabo apresentava um tóco, pincel com quatro pelos, quando o rabo do meu varria o chão. Mas, espera, era estranho que tivesse como o meu calça branca na perna direita! Fui para o animal e chamei: *Faraó!* e logo êle rompeu para mim que não houve corda que o segurasse. Era o meu jerico tosquiado, disfarçado, com atafais, justo Senhor, que até o irracional se devia sentir *vendido!* O que não podera fôra bifar-lhe o nome tão encasquetado

na mioleira que até zurrava ao chamo. Peço-te, ó justo e magnânimo juiz, que mandes restituir o jumentinho a seu dono e, a talante, castigues o larápio, já que seria invocar a lei contra semelhante pilho e malandrím: *Se o gatinho fôr achado com o furto na mão, seja asno, boi, ovelha, vivos, pague o dôbro.*

Ouvidas as testunhas, o escriba leu a lei que regula os extravios de animais: *Se vires a vaca ou a ovelha do teu semelhante tresmalhada, não cuides de fazer vista grossa, mas, sim, de as encaminhares para o estábulo. Se o dono fôr de longe, ou que não saibas quem é, acoitardás em tua loja à rês perdida até que a venham buscar. De igual procedimento usarás com o burro do teu proximo.*

Era clara e categórica. Depois de rápida ca-suística, quando a definir se azémola que desarvora volta a cabeça para a loja ou o rabo, foi o burriqueiro sentenciado a perder o burro em proveito de Eliab. Mas Eliezer, julgando-se vítima duma iniquidade, recalcitrou forte e feio, chegando a acoiar Sansão de se ter vendido por um açafate de uvas, dado em presente à concubina. E levaram-no dali aos empurrões, a pena acrescida dum suplemento de quinze varadas, gritando sempre:

— Que os céus sôbre a tua cabeça se tornem



de bronze e a terra debaixo de teus pés se torne de ferro! Maldito sejas em teu entrar e maldito em teu sair!!

Apareceu a juízo, depois, Joakan, da tribo de Manassés, que o levita encontrara lavrando com boi e jerico apóstos à mesma canga, jungimento êste que escandalizava as leis de Deus se não as da natureza. O padre, com mira na multa, fizera-se acompanhar por duas testemunhas de acusação. Coimado em dez peças, cinco que pingavam no bolso do denunciante.

Em numerosa comitiva, pais, irmãos, próximos e conhecidos, compareceu Naara, queixosa de Jobab que, no dia seguinte à primeira noite de esponsais, a repudiara, atribuindo-lhe gratuitamente falta, com grave dano da sua honra. O marido era homem de meia idade, baixo, balofo de carnes, da tribo de Manassés, rico em rebanhos e pomares. A família de Naara gozava, também, certa fama de remediada, havendo grangeado bom pecúlio com estalagem e recôlha de gado no caminho que ia de Gilboá para Sichem. Tanto o marido parecia manga-las-mangas quanto ela dava mostra de casquilha, olhos movediços, risonhos, em ademanos e jeitos mulher de pancada alta.

Em linguagem lúcida como a água fêz o homem relato dos agravos: procurara noiva virgem e modesta e caíra sôbre criatura entrada, com sôlto topête e muita inteligência das práticas libidinosas. Daí o passar-lhe carta de desquite. Constatou ela, assacando-lhe vícios castigados por Deus com o fogo e invocando o testemunho dos homens bons da aldeia, a quem na manhã das bodas a mãe mostrara os lençóis da cama assinalados pela donzelia. Cinco, dez depoentes sem falar nos autores dos seus dias, juraram que assim fôra.

De corrida julgou Sansão a Jitta, da terra de Ruben, que na trilha pusera cacifo aos bois contra os mandamentos do Senhor. Admoestado, julgou a Heber, zabalonita, acusado pela quarta vez de ter pedras falsas para pesar, dois *ephars* na tulha, de capacidade diferente, o cheio com que cobrava, o ladro com que media na venda e no préstamo, tão iguais que olhos espertos eram incapazes de perceber a trapassa, e um *lin*, na adega, gafo como samaritano, para o vinho e a cerveja. Era meio povo a apontá-lo como onzenheiro sem alma; tinha, porém, a seu favor cinco prepúcios de filisteus, cortados na última campanha, os gatinos no inferno a pedir por

êle, e... Dalila, pois fôra surpreendido de alforje a abarrotar para casa da barregã. Absolvido como bom e adregas cultivador e repreendidos os queixosos como bôcas de calúnia e de inveja.

Foi ainda julgado Herclo, do vale de Siloé, que entrando na vinha do próximo comia por sete, o que a lei divina autorizava, e enchia a manga, o que era defeso. Chorou-se o velho, que sim, que enchera as abas da túnica na vinha de Melquiel, o rico, porque tinha a mulher com febres que duravam há mais de ano e não vira de portas a dentro migalha com que dejuarem. Levando-lhe em conta a confissão e atrida *mea culpa*, mas porque é mester atender ainda mais ao escarmento que à

pena, foi punido com quinze açoites e duas jornas ao serviço do vinhateiro.

Foi mandado embora Atanai, acusado de andar de noite a roubar os marcos em detrimento da viúva e do órfão e, finalmente, um sacerdote, dava parte de Joela, hortelão, que comera ao primeiro ano as peras duma pereira em vez de arrancar-lhes o prepúcio por circuncisão e atirá-las fora como ordena o *Levítico*. Êste hominho, que ouvira a inculpação sem uma contractura, mostrava ainda jeitos de se tosquiarem em redondo e ser atreito aos espíritos falantes. Hesitou o juiz, por escassez de provas, em mandá-lo lapidar, que tal pena eram susceptíveis aqueles que armavam em adivinhos e consultavam águeres, limitando-se pelo pecado cometido para com a pereirinha a condená-lo em vinte açoites e no sacrifício ao Senhor dum cordeirinho recental.

Ainda havia polícias e demandas a derimir. Mas estava ali há mais de duas horas; no fundo do hortejo entreviu Dalila, e, levantando a audiência precipitadamente, correu em-pós do lume cheiroso.

Aquilino Ribeiro

(Do livro a aparecer por estes dias
Da três mulheres de Sansão)

UMA HOMENAGEM FRANCEZA A VASCO DA GAMA

JEAN-PAUL ALAUX, arquitecto, historiador e marinheiro, um grande apaixonado de Portugal, acaba de consagrar uma bela obra de luxo ao celebre explorador português, aos reis que favoreceram os grandes descobrimentos e a todos os que nelas tomaram parte. E' uma magnifica canção de gesta, à margem dos *Lusiadas*, associando a homenagem das gerações actuais ao espanto dos contemporaneos da epopeia.

O livro é dedicado a Henrique, o Navegador, que com a sua Academia preparou as audaciosas viagens. O autor inclinou-se com respeito sobre os velhos roteiros de D. João de Castro, consultou os arquivos da Torre do Tombo, das Bi-

bliotecas de Lisboa e de Coimbra, da Sociedade de Geografia, da Associação dos Arqueólogos e das familias Coutinho e Gama, assim como as criticas modernas feitas à margem dos velhos cronistas.

A illustração, que ocupa uma parte importante nesta obra, é composta de delicadas vinhetas, de documentos antigos de grande interesse, e de algumas aguarelas de Gustave Alaux, pintor da marinha e primo do historiador, que evoca com graça e veracidade os castelos de Sintra, berços dos reis, a gloria das caravelas, a Torre de Belem e os esplendores das cidades indús, motivo dos sonhos e das cubiças.

Era preciso sêr-se poeta para recrear os episódios e o ambiente entusiasta dos grandes combates, tanto no mar como em terra, nos quais os portugueses lutavam como leões, um contra mil, obrigando os adversários ao desânimo mais completo. "Não se póde comparar essa luta multipla, incessante e severa dos portugueses senão com a que eles tiveram que travar contra os idolos indús possuidores de uma quantidade de braços.. Coragem que iguala os sacrificios lendários dos herois gregos. Assim, por exemplo, aquella nobre recusa de viveres oferecidos pelo sitiante ao sitiado, apesar da guarnição estar condenada a roer coiro para não morrer de fome.

Nêste momento em que está em jôgo a occupação da India pelos europeus, é interessante conhecer o início dessa occupação feita pelos portugueses. E, isso faz-nos recordar a impressão emocionante que, na sua simplicidade grandiosa, causava, o verão passado, aos visitantes da Expo-



JEAN-PAUL ALAUX

Autor da obra sobre «Vasco da Gama» ou «Epopée des Portugais aux Indes»



VASCO DA GAMA

Gravura extraída da edição dos «Lusiadas» de Richard Fanshawe (Biblioteca de Coimbra)

sição Colonial de Paris, o Pavilhão de Portugal, em que se via, ao entrar, à direita, uma caravela, à esquerda um padrão, e, ao fundo, cobrindo uma parede inteira e iluminando com letras a fôgo, o prodigioso mapa, marcando todo o itinerário dos grandes descobrimentos e "o maior feito náutico que foi jámais praticado: a primeira viagem à volta do mundo realizada pelo navio *Vitória*, comandado por Magalhães, em busca das Molucas..

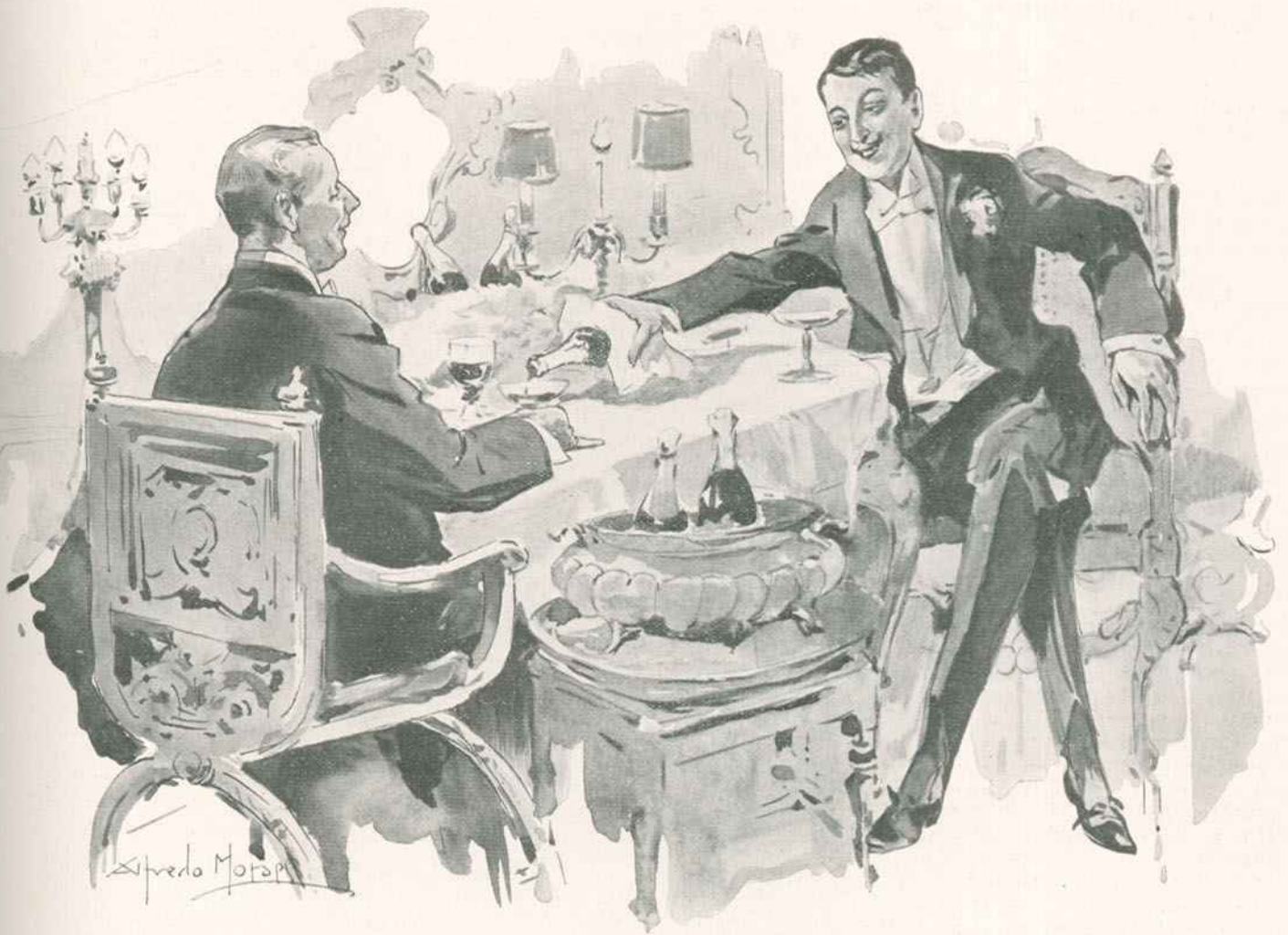
J.-P. Alaux, acentua admiravelmente os motivos destas expedições, as suas condições, e as causas que, pouco a pouco, estragaram o seu resultado. Friza ainda a razão porque os governadores, apesar dos pomposos titulos com que os honraram se conservam no poder pouco tempo e sem a autoridade necessária sobre os seus nobres companheiros.

Foi contudo, a mais temerária e ousada das tentativas, assim como a mais refletida das lutas económicas, realizadas por um povo cristão contra o Islam.

Este livro, que mereceu tanto carinho ao seu autor e exprime uma tão grande admiração pelos valorosos portugueses do passado e uma tão grande simpatia pelos de hoje, merece sêr recebido em Portugal, como foi escrito em França, com fervor e em penhor da amizade que une os dois países.

Marthé Julié.

(Traduzido do francês. Escrito especialmente para a «Illustração».)



UMA sala do Claridge's, em Londres, onde jantam, sózinhos, dois reis exilados. Paredes pintadas a fresco, reproduzindo paisagens cambodgianas; mobiliário opulento, Jorge III. Um mordomo, de casaca vermelha, e dois criados, servem os monarcas. Não se sabe bem de que países eles foram reis; talvez de dois vagos países balcânicos. Um dos monarcas é loiro, gordo, reflexivo, nostálgico; o outro é magro, moreno, irrequieto, falador. Vestem como dois gentlemen. As fisionomias de ambos, várias vezes reproduzidas pelos pintores internacionais, reflectem-se na enorme geleira de prata, cheia de garrafas de Champagne, que brilha no centro da mesa semeada de rosas.

SUAS MAGESTADES

muito tempo na viagem. Sabe Vossa Magestade o que succedeu ao meu presidente do ministério?

O MONARCA TRIGUEIRO — Foi fusilado?

O MONARCA LOIRO — Peor. Fizeram-no presidente da República. — Ai dos vencidos, sire!

O MONARCA TRIGUEIRO — Ai dos vencedores, meu caro primo. Eu acho esta vida muito mais divertida. Não há nada melhor do que ser um rei no exílio.

O MONARCA LOIRO — Há outra liberdade. O Daudet tinha razão.

O MONARCA TRIGUEIRO — Outra independência. Melhor do que um rei exilado, só conheço uma coisa: dois reis exilados. Eu confesso que senti um grande prazer quando recebi a notícia de que Vossa Magestade tinha sido deposto por uma revolução.

O MONARCA LOIRO — Muito obrigado.

O MONARCA TRIGUEIRO — Pensei logo, meu caro primo, em quanto me seria agradável tê-lo aqui, nesta mesa do Claridge's, bebendo o alegre Champagne do exílio. Porque a verdade é que o Champagne do exílio é muito menos amargo do que o outro.

O MONARCA LOIRO — Eu também tive uma verdadeira satisfação, meu caro primo, quando libertaram Vossa Magestade do incômodo de reinar. Tanto, que o meu governo foi o primeiro a reconhecer a república do seu país.

O MONARCA TRIGUEIRO — Muito amável, sire. — Podemos finalmente conversar, trocar impressões, não como dois monarcas, mas como dois gentlemen. — Vossa Magestade fez bem a sua viagem?

O MONARCA TRIGUEIRO — Tanto como o seu. Está provado que os povos profundamente monárquicos, quando sentem a necessidade de destruir alguma coisa, começam por destruir o rei.

O MONARCA LOIRO — Ainda são felizes, os povos que têm um rei para destruir!

O MONARCA TRIGUEIRO — Diz Vossa Magestade muito bem. Tem sido uma verdadeira hecatombe de testas coroadas. — Quando vi que estava iminente a catástrofe, tomei uma resolução.

O MONARCA LOIRO — Uma resolução, nessa altura, é sempre um remédio difícil de tomar.

O MONARCA TRIGUEIRO — Pus toda a minha fortuna num Banco de Londres, e vendi para França todos os meus cavalos.

O MONARCA LOIRO — E o seu presidente do conselho?

O MONARCA TRIGUEIRO — Esse, deixei-o ficar. Não me davam nada por ele.

O MONARCA LOIRO — Pergunto o que fez o seu presidente do conselho nessa situação difícil.

O MONARCA TRIGUEIRO — Teve um trabalho extenuante.

O MONARCA LOIRO — Organizou a resistência?

O MONARCA TRIGUEIRO — Fez as malas.

O MONARCA LOIRO — Agradam-me os homens prudentes.

O MONARCA TRIGUEIRO — Os ministros dos reis destronados são sempre excessivamente prudentes. E sabem fazer as malas com incrível rapidez.

O MONARCA LOIRO — Mas não se demoram

O MORDOMO, aproximando-se, respeitoso. — Vossas Magestades não desejam mais nada?

O MONARCA TRIGUEIRO, ao mordomo. — Deixe-nos sós. (Ao monarca loiro, quando o mordomo e os criados saem) Pois eu, meu caro primo, tive a fortuna de ser destronado dois anos antes de Vossa Magestade.

O MONARCA LOIRO — Dois anos, apenas?

O MONARCA TRIGUEIRO — No exílio, o tempo passa mais depressa. Ser destronado é uma fatalidade elegante que, felizmente, só succede aos reis, e que nós temos de aproveitar o mais alegremente possível.

O MONARCA LOIRO — A mim, confesso, a revolução surpreendeu-me.

O MONARCA TRIGUEIRO — A mim, não. Eu já tinha compreendido, depois de uma sessão tumultuosa no Parlamento, que o povo começava a sentir a necessidade de destruir alguma coisa.

O MONARCA LOIRO — Mas o seu povo, sire, não era profundamente monárquico?

O MONARCA LOIRO — Uma viagem bastante precipitada.

O MONARCA TRIGUEIRO — É preciso pensar que estamos na época das grandes velocidades. Hoje, não se viaja; foge-se. As transformações políticas fazem-se a cento e cinquenta quilômetros à hora — E a sua saúde ressentiu-se?

O MONARCA LOIRO — Um pouco. Eu estava sujeito a outro regime...

O MONARCA TRIGUEIRO — É natural. Não se deu bem com o regime republicano.

O MONARCA LOIRO — Quero referir-me à dieta. O caviar e os cocktails têm-me estragado o estômago. Estes hotéis internacionais são execráveis.

O MONARCA TRIGUEIRO — As conferências internacionais ainda são mais indigestas.

O MONARCA LOIRO — Desde que deixei de reinar, já peso menos dois quilos.

O MONARCA TRIGUEIRO — É da falta da corôa. Não tem importância. — Eu também emagreci nos primeiros tempos de destronado, com a preocupação de que alguma coisa de divino tinha morrido em mim. Ilusão! Afinal, vi-me obrigado a reconhecer que um rei é apenas um homem, e que uma revolução não passa de um vulgar acidente de trabalho. Hoje, meu caro primo, fumo muito melhores cigarros, convivo com muito mais belas mulheres, e estou intimamente convencido de que só há dois grandes prazeres no mundo: o primeiro é ter uma corôa; o segundo é perdê-la. (Servindo) Mais Champagne?

O MONARCA LOIRO — Não se incomode, sire. — Com efeito, o exílio é excelente, porque não temos de dar contas dos nossos actos a ninguém. Um rei é um prisioneiro de si próprio.

O MONARCA TRIGUEIRO — E dos outros. Eu só comeci a respirar na fronteira. Vinha asfixiado de protocolo e de ceremonial. E não trouxe do meu tempo de monarca nenhuma recordação agradável. Apenas o Tossão de Ouro e algumas insónias. O que é bom, meu caro primo, não é ser rei; é tê-lo sido. Dá-nos uma certa elegância e uma certa situação no estrangeiro. Pela minha parte, já não quero outra vida. — Ainda há muitos monárquicos no seu país, sire?

O MONARCA LOIRO — Quer Vossa Magestade que lhe fale com franqueza? Em geral, nas monarquias não há monárquicos.

O MONARCA TRIGUEIRO — Eu também devo confessar-lhe, meu caro primo, que no meu país o único monárquico era eu. E, mesmo assim, as minhas convicções nunca foram profundas.

O MONARCA LOIRO — Nem os reis precisam de ter convicções.

O MONARCA TRIGUEIRO — Agora é que o número dos meus partidários começa a engrossar comprometedoramente. Mas são todos republicanos. Um belo dia, os republicanos do meu país restauram a monarquia.

O MONARCA LOIRO — Vossa Magestade — digo-lho sem sombra de cumprimento — dava um ótimo presidente da República.

O MONARCA TRIGUEIRO — E Vossa Magestade também. Mas, que se há-de fazer? Errámos a nossa vocação. — Não há nada mais incómodo do que nascer rei.

O MONARCA LOIRO — Morrer é muito mais in-

cómodo. — Vossa Magestade não sente, às vezes a nostalgia dos cortejos e da côrte?

O MONARCA TRIGUEIRO — Fazem-me uma certa falta, sire. Divertiam-me muito. Imitavam na perfeição todos os meus movimentos. Sempre que visito o Jardim Zoológico de Londres, lembro-me deles.

O MONARCA LOIRO — Quando vê os jardineiros?

O MONARCA TRIGUEIRO — Quando vejo os macacos. Hoje, os cortejos do meu tempo são todos embaixadores, e usam, com desdenhosa elegância, as gran-cruzes que eu lhes dei. É a vida, sire! — Mas estas coisas não devem perturbar-nos as digestões. Do que Vossa Magestade precisa é de restaurar o seu estômago. Vi ontem, nas Midnight Follies, duas bailarinas russas que são um assombro. Muito superiores à Pavlova.



O MONARCA LOIRO —

Eu adoro as bailarinas russas. Sobretudo quando são francesas. Mas o estômago é o menes, porque não tenciono devorá-las.

O MONARCA TRIGUEIRO — Não tenciono devorá-las? Faz mal. — Aqui para nós, o melhor do exílio são as mulheres. As mulheres e o tabaco. Todas as belezas profissionais e todos os fabricantes de cigarrilhas querem ser fornecedores de Sua Magestade. Não é o exílio; é o Eden. Restaure o seu estômago, meu caro primo, e comece a viver.

O MONARCA LOIRO — Se eu pudesse, restaurava de preferência a monarquia.

O MONARCA TRIGUEIRO — Para quê? Ser rei é uma massada.

O MONARCA LOIRO — Mas a corôa é sempre a corôa.

O MONARCA TRIGUEIRO — É um objecto de museu. Não a troco pelo meu chapéu alto. Não a troco, mesmo, pelo chapéu mole com que passeio à noite em Bond Street.

O MONARCA LOIRO — Mas Vossa Magestade não sente a paixão de governar?

O MONARCA TRIGUEIRO — Um rei constitucional não governa. Um rei constitucional é uma hipótese. É um Buddha de bronze. É um jarrão da China, que os ministros colocam à porta do Estado para terem onde pôr o guarda-chuva.

O MONARCA LOIRO — F, depois, voltar à pátria, sire!

O MONARCA TRIGUEIRO — «Ubi bene, ibi patria.»

O MONARCA LOIRO — Amanhã, parte o «Salonica Star». Faz escala pelos nossos dois países. A água azul do Mediterrâneo! Os rochedos doirados de Capri! Eu confesso que estes nevoeiros de Londres enervam-me. Não gostava de embarcar, meu caro primo?

O MONARCA TRIGUEIRO — São dum nevoeiro para me meter num vulcão. Não, sire. Deixe partir em sossego o «Salonica Star».

O MONARCA LOIRO — Vossa Magestade era capaz de recusar, se lhe oferecessem o trono outra vez?

O MONARCA TRIGUEIRO — O trono é um móvel que já não se usa. Prefiro um banco de bar, com um brandy-flip diante de mim.

O MONARCA LOIRO — Não acredito.

O MONARCA TRIGUEIRO — Porquê?

O MONARCA LOIRO — Porque, aqui para nós, a corôa não nos dá a felicidade; mas impede-nos de ser felizes sem ela. É a atracção do abismo, sire!

O MONARCA TRIGUEIRO — Pois, se amanhã a monarquia for proclamada no meu país, e me mandarem chamar a Londres, fica Vossa Magestade autorizado a responder-lhes por mim: não vou! Não se acende duas vezes o mesmo charuto; e os reis que se presam, são reis uma vez só!

O MORDOMO, entrando, de sibilos na sala. — Sire! Sire!

O MONARCA TRIGUEIRO — Que sucedeu?

O MORDOMO, abrindo, de par em par, a janela, por onde se vêem, na escuridão, os cartazes luminosos de Mayfair. — Leia Vossa Magestade o placard eléctrico. Foi proclamada a monarquia no seu país!

O MONARCA TRIGUEIRO — Deveras?

O MORDOMO, lendo as palavras que passam no jornal luminoso. — Entusiasmo delirante. O povo, conduzindo bandeiras, percorre as ruas e as praças. Espera-se a chegada de Vossa Magestade...

O MONARCA LOIRO — Eu sei que Vossa Magestade não accita. Em todo o caso, sire, os meus parabens.

O MONARCA TRIGUEIRO, a) mordomo, que lhe beija a mão. — A que horas parte amanhã o «Salonica Star»?

Júlio Dantas.

Desenhos de Alfredo Morais.

LIBELO CONTRA A MULHER

pois de reduzir a escravo o pai Adão, para os mais fortes, os mais insubmissos e os mais doutos varões.

Veja-se Hercules. Estrangulou no berço as duas serpentes. Matou a pulso o leão de Nemeia. Pois morreu a estorcer-se nos sete círculos da dôr, porque sua mulher... cavilosamente lhe vestiu

a túnica de Néso.

Outro, muito nosso conhecido — Sansão. Só duma vez, e com uma queixada de asno, abateu mil filisteus. Tinha nos longos cabelos o segredo da força insubmissa — que era, pelo visto, o segredo da força de certas e heroicas mulheres de antanho, visto que as heroínas de hoje, as de cabelos cortados, exclusivamente na fraqueza grangeiam notariade. E quem lhe cortou o cabelo, no afã de o entregar enfraquecido e envilecido ao esgarçado e à tortura do filisteu? Foi Dalila, sua esposa de benção.

David, era rei douto e rei gigante. Nos seus psalms vibram as mil e uma cordas das sabedorias humanas. E o seu corpo pequeno, erguido pelo seu grande braço, chegava para tombar Golias. E lá o temos no Velho Testamento, os olhos cegos de lagrimas, a harpa a derramar-se em soluços, após a perfidia de Bethsabeia.

De resto, se a queremos enxergar na vasta rêde das suas manhas e artimanhas, atentemos no quadro em que a pintam os do clero, nobreza e povo.

Comecemos pelos do clero — linguas puras da verdade sem horizontes.

Moisés, o patriarca dos patriarcas, o que subiu ao Oreb, por eleição do Senhor, afim de receber de suas mãos as Doze Tabuas da Lei. Moisés afirma, no *Deutoronômio*, que foi a mulher, nos seus quarenta anos de deserto, à frente do povo escolhido, a causa de todas as suas dôres e de todas as suas desgraças.

Salomão, o justo rei da Judeia e servo de Jeová no Templo, assevera nos *Proverbios*:

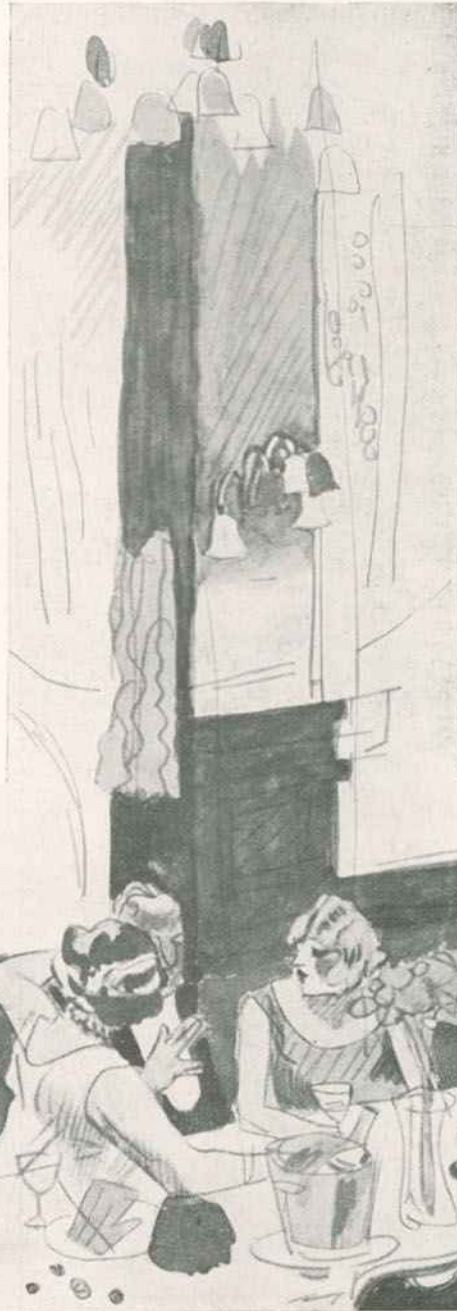
— Os seus labios são como o favo que destila o mel e a sua garganta é mais lustrosa do que o azeite. Mas o seu fim tem o amargo do absinto, e corta como a espada de dois gumes.

O *Apocalipse* chama-lhe — a bêsta de sete cabeças. O papa Paulo V, no espirito e na letra dos seus textos, qualifica-a de ser-

felicidade terrena, o reverso venturoso da infinita bemaventurança celeste.

Maldita seja ela, que com seus me-neios de serpente e suas vozes de rôla me subtraíu ao Céu e me carregou ao Inferno!

E é sempre a mesma, no vale edenico ou no vale de lagrimas. E senão, observe-se o que ela tem sido no mundo, de-



Mundo, Diabo e Carne

ALBERTO Valverde, meu condiscípulo e meu amigo, consagrou dois terços da sua vida ao culto do Feminino. E assim, foi com surpresa, quâsi com mágua, pelo que adivinhou de pungente no mistério da inesperada transformação, que recebi o violento libelo que se segue, firmado por seu punho de ex-Magriço, contra a graça e o prestígio da mulher.

Que drama teria operado esta mudança? Ignoro-o. Mandou-me o libelo e o pedido da sua publicação, segundo êle diz "para castigo da aliada perpétua do Demo e prevenção dos cegos e incautos. Publica-o... até no fito de revelar um aspecto novo da velha flutuação das idéas e dos sentimentos humanos". Êle aí vai:

A MULHER

Inimigo da mulher — amigo de Deus. É o que rezam os santos textos. Porisso, que Deus leia na minha alma, e lá verá escrito o odio contra a mulher, odio amassado no barro dos meus enganos defeitos e no fel das minhas lagrimas de arrependido.

Porque eu quero ser, e hei-de ser, agora e na hora, um dos fiéis do Senhor.

Na verdade, ontem lavrava no falso, hoje amanhã no seguro. O que sou eu, na escala animal? O ultimo dos vermes, o único que transgrediu a lei do seu Criador. E quem me impeliu, a mim, verme fraco, à violação e à fraude? A forte mulher.

Logo, por concordância com a lei divina e com a lei natural, se sou a vitima da mulher, que me traíu, levando-me a traír o meu Criador, a obrigação é abjurar, não adular.

Porque gemo e conheço o mal? Porque piso a via dolorosa, de cruz ao ombro sob o flagelo da modista e a lança do cabeleireiro? Por isto, apenas — por que o suave adjutorio, na mais dôce manhã do vale edenico, à sombra do cicomoro e ao halito do nardo me deu a provar a maçã. E o suave adjutorio tornou-se desde logo a amarga fonte dos meus suores, a origem das minhas angustias, a executora das minhas venturas, expulsando-me do Paraíso.

Sem a mulher, eu, o homem, plantado na terra eleita na despreocupação inalteravel da larva no seu casulo, nada me faltando, nem a pôlpa, nem o suco, nem a flôr, nem a luz — seria a eterna



pente — *abjuro te serpens*. De serpente o nomeia o muito virtuoso S.^{to} Ambrosio. E até o nosso querido S.^{to} Antonio, que a conhecia melhor do que um concílio, dos dias tredos em que lhe quebrava e concertava a bilha nas fontes, dela nos diz, em consonancia com os seus pares nas sabedorias e nas virtudes:

— A sua voz... é o silvo da serpente.

— É a sentinela avançada de Satanaz — soluça, tremendo, S. João Damasceno.

— É a porta formosa do Inferno — brada, apopletico, S. Tertuliano.

Ouçamos agora os da nobreza, — o ditado dos evangelistas nas ciências e artes.

Nitzche, por exemplo. Este jura e rejura:

— Para a mulher... a verdade é um atentado contra o pudor.

— É preciso que o espirito do homem esteja obsecado pelo amor para chamar belo a esse sexo de pequena estatura, espáduas estreitas, ancas largas e pernas curtas — legisla Schopenhawer.

— Há mulheres que se matam por amor — isto observa-o Etienne Rey. — Mas são sempre as mesmas.

— A mulher só actua sobre o homem enquanto verde, desde os 18 aos 35 anos — escreve Afonso Karr. Pelo que, todas as loucuras masculinas, têm por causa a acção e reacção dos ácidos femininos.

— Aos grandes faladores — preceitua Ménage — é preciso fazer o mesmo que se faz aos carros nas descidas — é indispensável travá-los. Fez-se a experiência nas mulheres. E o resultado está à vista: — largaram a falar tanto, nas Academias e nos Paramentos... que nem Deus nem o Diabo se entendem no fragor da balburdia.

E aristofélico poeta anónimo ofereceu-nos este flagrante instantâneo dos seus dons noturais:

«A mulher, 'inda a mais santa,
Reune em si todo o mal,
Compõe-se, creiam bem nisto,
De todo o vicio animal.
Como a rã, é toda orgulho,
Tem do gato a ingratição,
É astuta como a raposa,
Dolosa como o macaco,
E feroz como o leão.»

Escutamos os do clero, os da nobreza. Ouçamos neste lance os do povo — a voz de Deus.

A mulher ri quando pode e chora quando quere — assevera a voz do povo na expressão lapidar dum dos seus provérbios.

Só há duas mulheres boas neste mundo — continúa o povo. — Uma já morreu. A outra... não se sabe onde está.

— Ninguém mais discreto do que a mulher. Fala muito, não diz nada.

— A mulher quere-se da mais pequenina — do mal, o menos.

— Três mulheres e um pato fazem uma feira.

E se num provérbio a coloca a par dos frutos, que nada valem muito verdes ou muito maduros, noutro iguala-a às mósas — as únicas feras indomesticáveis.

— Perdão! — observam os contumazes panegiristas da víbora que morde a sorrir: — Será excelente o que tu dizes e o que dizem os do clero, nobreza e povo. No entanto, formam legião os de Engenho e Arte que lhe prestam elogio.

Podera! Tem-se feito o elogio de todas as pragas vivas. Erasmo fez o elogio da loucura. Galignacus, o da peste. Bernig, o da sede. Cardou, o da gôta. Regnard, o da preguiça. Byron, o do enjôo. Vusserat, o da cegueira. Rudeman, o dos ratos. É lógico que igualmente se perprete o da mulher. Para isso, porém, foi necessário criar os tolos: — a legião de poetas e romancistas que queimaram insensos em seu louvor.

A mulher é tanto a sintese, soma e simbolo das pragas de quantos Egiptos se estendem ao sol, que não há uma só que se não baptise no feminino: — a peste, a lepra, a gangrena, a febre, a tísica, a miséria, a hipocrisia, a volupia, a maldade, a desgraça.

Nem mesmo se encontram pecados



Mundo, Diabo e Osso



mortais além dos de geração feminina — soberba, avareza, luxuria, ira, gula, inveja, preguiça, as sete veredas do Inferno.

Mentira, duplicidade, traição — as três irmãs gémeas da Perfídia, dona insaciável que se alimenta da cizania semeada no grémio dos humanos.

Guerra, fome e peste — as três aliadas universais da Morte, tirânica Imperatriz que domina o mundo fechando bôças de sepulturas e abrindo rios de lágrimas.

Há quem afirme que a mulher, afinal deixou de ser o perigo, quando deixou de ser a Carne — o maior dos três inimigos da alma, justamente aquele que deu origem aos dois primeiros: — ao Mundo, que não existiria sem a Carne, pois sem ela tudo isto seria Eden, o Eden pintado a páginas tantas da Bíblia, como não existiria o Diabo, pois a entidade extinguir-se-ia por integral carência de função.

A Carne passou á historia, na verdade — essa Carne que era setim na polpa e no seio veneno; essa Carne que cheirava a flôr e ocultava punhais no coração; essa Carne que perturbava mais do que as joias sendo falsa como Judas. E' certo — a Carne já não existe, proclamado no Mundo o império absoluto do osso, o Diabo famelico a roer, em vez da tentadora maçã, o carço esburgado.

Tudo isto é certo, tudo isto assenta nos esteios firmes da verdade. Mas os que o afirmam, esqueceram os muitos poderes da mulher — como irmã da serpente. E tanto que, com uma pontinha de sal da sua perfidia e um grãosinho de pimenta da sua malicia... já tornou o Osso mais nefasto do que a propria Carne...

Sim, acreditai-me:

— Os três inimigos da alma estão de pé e invencíveis. E são hoje — o Mundo, o Diabo e o Osso».

Alberto Valverde

Aí fica o libelo, em toda a sua rude hostilidade. E se não fôsse conhecer Alberto Valverde, que não atingiu ainda a fase do cair de maduro, eu lembrar-lhe-ia a sã filosofia de Esopo na fábula risonha da *Raposa e das uvas*.

Sousa Costa

PORTUGAL e a escritora espanhola CARMEN DE BURGOS

COM a morte de Carmen de Burgos a língua espanhola perdeu um dos seus maiores interpretes, tanto com o seu nome mundialmente conhecido, como com o seu gracioso pseudónimo «Columbine» que era igualmente ilustre.

A literatura espanhola perdeu um dos seus mais altos valores, não só como romancista e novelista, como sob todos os aspectos do largo horizonte literário, porque os seus livros de viagens, tão cheios de graça e de verdade como os que escreveu «Pela Europa» e o que Portugal lhe inspirou, logo nas suas primeiras vindas à nossa terra, são documentos que ficam vincando um dos mais interessantes aspectos duma sociedade que desaparece. Os seus livros de investigação histórica como verdadeiramente são a grande biografia de «Figaro», do qual o govêrno monárquico em Espanha adquiriu com louvor oficial parte da edição, como a vida de «Riego» e outros, colocam-na a par dos mais conscienciosos e altos historiadores. A vida literária de Carmen de Burgos, quando se olha sob o aspecto numérico e variado da sua obra mental é um verdadeiro assombro de actividade, de energia, de cultura e de variado talento, que tanto abarcava as obras de pura fantasia criadora, como os livros de combate social, de crítica, de luta pela cultura e emancipação feminina, os problemas mais sérios como as traduções e até os livros encomendados sôbre cosinha, jardinagem, toucador feminino e outros, em tudo pondo um pouco da sua espontaneidade e da sua alma sempre aberta em graça floral, sempre môça e entusiasta, apaixonada pela vida, pelo trabalho, pelas idéas, pelas suas e pelas dos outros, duma generosidade e duma bondade tão de dentro, tão humana e tão espontânea, que todos reconheciam, ninguém lhe podendo negar o seu alto valor nem os próprios adversários políticos, que sabendo-a francamente republicana, libertada de preconceitos e livre pensadora, trabalhando pelos seus ideais e espalhando pelo mundo a visão duma Espanha, que não era a oficial e diplomática, nunca deixou de a considerar, como educadora, como escritora consagrada, como representante, enfim, das mais altas qualidades da raça dando-lhe todas as facilidades e respeito oficial.

Se mais não tinha é porque o seu character inteiriço, a sua consciência, o seu justo orgulho duma soberania de *élite* nunca a fizeram dobrar-se em ridículas atitudes cortezanas pelos que se julgam valores sociais superiores só porque o



CARMEN DE BURGOS
condecorada com a Comenda de Aviz, pelos serviços literários e de propaganda prestados a Portugal

acaso os colocou em determinados lugares.

Amiga, procurada de princesas, de artistas, de escritoras ou de modestas trabalhadoras, Carmen de Burgos foi sempre a mesma alma justa, que só apreciava as pessoas pelo seu valor e a todos prestava o auxílio valioso do seu muito carinho e atenção.

A República deve-se ao sacrificio da sua própria vida, a causa das mulheres, o simbolo religioso da sua voluntária morte, pode assim dizer-se, como o de

apóstolo que lhes aponta o caminho do sacrificio pela idéa redentora.

A Espanha deve-lhe isso tudo e a República Espanhola perdeu nela um dos seus mais altos e representativos valores, mas Portugal também perdeu um dos seus maiores e mais desinteressados amigos, um dos primeiros que encetaram a campanha de *descobrimento* que já é hoje um valôr contável.

Desde a primeira vez que visitou a nossa terra, em 1916, quando a guerra ia mais acesa e no ano anterior quasi a apanhára na sua engrenagem de ódios, viajando em plena Alemanha e com projectos de ir até à Rússia, como fizera em outros anos percorrendo a França, a Bélgica, a Holanda, a Suíça, os países Escandinavos, a Itália e Marrocos...

dirigiu a sua actividade e inteligente atenção para Portugal, que tantas vezes, a rir orgulhosamente, dizia ser uma sua segunda Pátria oficial «visto que nascera no consulado de Almería e aprendera a lêr sôzinha o português nos anúncios de navegação do velho «Jornal do Comércio» de que seu pai, nosso consul no importante porto de mar, era assinante.

Desde essa época até à sua última hora, Carmen de Burgos não mais deixou de ser a maior, a mais entusiástica, desinteressada e desvelada amiga de Portugal e dos portugueses, numa fraternidade nunca desmentida.

A República, antes de a ter em Espanha, era a sua República, as nossas questões sociais eram as suas, a nossa propaganda a sua propaganda.

Com a sua Morte alguma coisa ficou diminuído para o nosso coração.

A lista das suas obras é tão larga que não pode o limite desta página contê-la mas dentro dela devemos notar que muitas das suas novelas últimas se passam dentro do ambiente português como inúmeros artigos em todos os jornais e revistas nos últimos 16 anos de sua vida, de dicados à nossa terra.

A ignorância de uns e a ingratidão, covardia e snobismo de outros, fizeram da sua morte, na grande imprensa de Portugal, um vulgar caso do dia.

Não vale a pena ser uma grande escritora e deixar uma grande obra quando os homens são assim.

A noiva de Charlot?



AFINAL os boatos eram falsos... Paulette Goddard, a conhecida artista de cinema, ao chegar a New-York, declarou perentoriamente, serem falsos os boatos que correram a respeito do seu casamento com o célebre Charlot Chaplin.

Foi mais um boato, como tantos outros, espalhado por esse mundo pelos cinéfilos, que passam o tempo a cuscuvilhar na vida particular dos artistas cinematográficos...

Falsos alarmes...



Em Saint-Denis foi inaugurado um novo sinal de alarme, em caso de incêndio. A pessoa que pedir o socorro, ficará presa, pelo pulso, até que cheguem a esse local, os primeiros bombeiros...

Hão-de concordar que é não só original como excelente para se conhecerem os que gostam de brincar com coisas sérias...

Entre nós, este sistema dava, estamos certos disso, ótimos resultados... Ficavam-se conhecendo certos maraus engraçados...

A graça alheia



O JUIZ — VÁ, CONTE-ME, O QUE FAZ, EM QUE SE OCUPA...

O PRESO — SABE, SENHOR JUIZ, SEMPRE TIVE HORROR ÀS ENTREVISTAS!

PELO MUNDO FÓRA

Os 85 anos de Hindenburgo



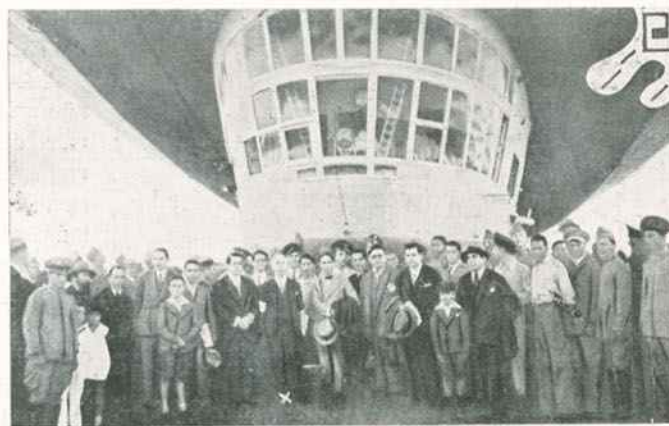
O presidente Hindenburgo — que ha 8 anos dirige os destinos da nação alemã — acaba de completar a bonita idade de 85 anos. Durante sessenta e cinco dedicou-se à vida militar e agora, quando devia colher desancadamente os louros ganhos durante tanto ano de trabalho, dedicou-se de alma e coração, à politica. Continúa, apesar da idade, a ter a redea duma nação que foi vencida, mas que em poucos anos tem voltado, à custa de muito patriotismo, a ser mais próspera do que o era antes de 1914...

O temporal na «Cote d'Azur»



CANNES, Juan-les-Pins, Saint-Maxime, Saint-Raphael e Antibes — cidades da «Cote d'Azur», fôram assoladas por um temporal. As linhas de caminho de ferro, que as ligam, entre si, ficaram destruídas. Por outro lado, as inundações, provocadas pelas grandes chuvas, invadiram grande número de predios tendo causado prejuizos incalculáveis.

O «Graf-Zeppelin» no Brasil



A recente visita do «Graf-Zeppelin», ao Rio de Janeiro — como alias, tem acontecido das outras vezes, — despertou grande interesse entre a população carioca. A presença da grande aeronave, levou ao Campo dos Afonsos, daquela cidade, uma enorme multidão. A nossa gravura, mostra o grupo de jornalistas brasileiros, que fez a viagem de retorno, momentos antes de embarcar.

Mais alto!



O aviador inglês Cyril Uwins bateu últimamente o record de altura em aeroplano, elevando-se a 13.700 metros. Aterrou, depois de duas horas e meia de vôo.

A limpêsa...



Em tudo pode, nos nossos dias ha-ver limpêsa... Até já uma senhora, de luvas brancas calçadas, pôde montar um macaco no seu automovel, para encher a câmara de ar... As luvas, depois da operação realizada, ficarão tão brancas, como quando saíu de casa.

O Polo Norte



COMEÇARAM os preparativos da próxima expedição ao Polo Norte organizada pelos barcos «Pourquoi-pas» e «Pollux». Na gravura, vê-se o «Pollux», encostado à grande ponte de Brest, carregando.

A graça alheia



— OLHA LÁ, O PRIMEIRO PRATO ERA MÁU, O SEGUNDO PEOR E O TERCEIRO «INCOMÍVEL»...

— SE ISSO É UMA CHARADA, DEVO DECLARAR-LHE QUE NÃO PERCIHO NADA DE ADIVINHAS...

Ao ar livre . . .



Em Paris — em plena praça de S. Pedro — representou-se a peça "Guilherme Tell". Por ocasião dessa recita, a Basilica do "Sacré-Cœur" estava completamente iluminada, como se vê na gravura.

Produzia um efeito maravilhoso. A população parisiense admirou essa iluminação, acorrendo aos lugares donde se podia observar melhor a lindíssima igreja que domina a cidade luz.

A "Chama da Paz"

Em Neuveville — St. Voast, pequena cidade, próximo de Arrás — onde estiveram as tropas portuguesas — e que foi devastada pela guerra, inaugurou-se, há dias, um monumento na «Cité des mutilés», monumento simbólico que tem



como legenda: «A Chama da Paz». Tem oito metros de altura e foi concebido pelo escultor Yrondy.

A graça alheia



— . . . E AS NOSSAS MULHERES NÃO SABEM ONDE PASSAMOS A NOITE!
— É VERDADE, NÃO . . . E A PROPÓSITO . . . ONDE PASSAMOS NÓS A NOITE?

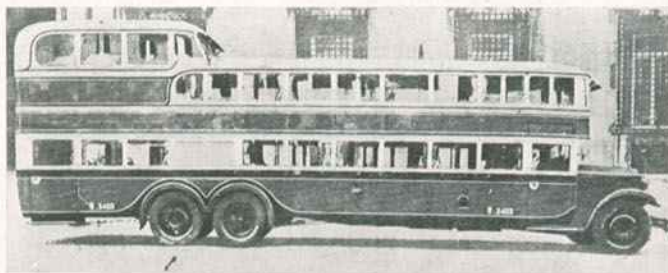
PELO MUNDO FÓRA

O "Piccard" dos Oceanos



O professor William Beebe acaba de descer ao fundo do mar, ao largo das ilhas Bermudas, tendo alcançado 915 metros. Para tal proeza, construiu uma esfera de aço, com três óculos de vidro numa grande espessura, at avés dos quais observou as maravilhas do mundo submarino.

Meios de transporte



A camioneta progride a olhos vistos . . . Eis um «autobus» de três andares, com compartimento especial para fumadores, sala de bagagens e canil. Pode transportar, sentados, oitenta e oito passageiros. A concorrência ao comboio aumenta . . .

Telefone nas estradas



Na Suíça acaba de se inaugurar um serviço de telefones em algumas das estradas que ligam as principais cidades. Serve para tudo: avisar desastres, pedir socorro, pedir gasolina, dizer à família que a viagem decorre esplendida, etc. . . .

Box e política



O antigo campeão de box — Gene Tunney — é, actualmente, um dos mais entusiastas partidários da candidatura de Roosevelt — o adversário de Hoover — à presidência dos Estados Unidos. Tunney revelou-se, mesmo, um orador público de merecimento. Diz-se até, que os argumentos que emprega têm tanto peso, como tinham os seus socos . . .

Itália e França

Este curioso monumento, erigido à memória dos aviadores franceses Goulette e Moreau que caíram



nos Alpes, quando transportavam os esposos Lang-Willar, escapados do desastre do "Georges-Philipp", foi elevado por iniciativa dum grupo de aviadores italianos.

A graça alheia



ELA — O TEU FILHO DIZ QUE PRECISA DUMA ENCICLOPÉDIA . . .
ELE — DEIXA-O FALAR. ELE VAI BEM A PÉ!

Não há dúvida possível. A mulher, por mais que trabalhe e barafuste para elevar-se até ao homem, não o consegue.

Se algumas vezes ela sobe e consegue aguentar-se no posto adquirido pela sua inteligência ou pela sua vontade, logo se tramam conluios nos cenáculos masculinos para a aprear.

O homem abusa da sua força, porque êle ha-de ser sempre o mais forte.

Tudo o ajuda. A sua constituição física mais sólida e resistente, o seu espirito mais aberto a todos os assombros das ciências e das artes, e até as convenções sociais, que lhes dão direitos que negam à mulher.

Eles podem ser traidores, inconstantes, vários, perversos, que nada os ofusca, nada lhes fica mal; são sempre os machos victoriosos.

Eles nunca viram com bons olhos a emancipação da mulher, pelo trabalho. Gostariam de a ter sempre de si dependente, sempre por sua conta, quer em ligação legítima, quer livremente acasalados.

A lenda dá-lhes a mulher como coisa sua, e apenas lhes custou uma costela, e não há maneira de quebrá-la largar de mão.

E quando podem valer-se de uma momentânea impressão de surpresa, êles aí estão a lançar o arpão à pobresinha que julgou andar já livre da canga humilhante.

É o caso de Alice Cocéa, por quem se matou um homem. Olha a admiração! Quantos se têm suicidado e que nem deles se fala?

Só porque ela é actriz e, portanto, alvo mais em evidência para um bom tiro de desforra, aí estão os senhores homens contra ela apontando-a quasi como matadora.

E que culpa tem ela de que o homem fôsse um desvairado? E fariam êles tanto barulho, se fôsse ela que por êle se matasse?

Não! Eles, os nossos senhores, julgam-se dignos de todos os holocaustos.



A grande actriz parisiense Alice Cocéa

Os homens abusam...

Imaginem que até nem querem dar mais trabalho à creatura, nos estúdios nem nos palcos.

Que o não amava já, como dantes... E então? Acaso o coração do homem é o único que pode amar e desamar, quando quer?

E não se lembram êles das mulheres que abandonam com os filhos nos braços, e doutras desgraçadas a quem abrem as portas do prostíbulo com seus beijos falsos e suas falsas promessas de reparação!

Isto sim que é crime, e crime contra a colectividade.

Agora tornar uma mulher responsável, pela loucura dum homem, não há direito.

Eles, quando os laços começam a apertá-los, desatam-nos com uma facilidade espantosa, sem quererem saber das desgraças que deixam atrás de si.

Andam de mulher em mulher, sugando-lhe a beleza, a mocidade e a vida, e quando o mel de suas carícias começa a enjoo-los batem as asas, levantam vôo e seguem na sua marcha devastadora.

E querem êles saber se aquela que ficou para trás tem pão para o dia seguinte ou se num gesto desvairado acaba a vida que sem o amor ou a sua ilusão já nada vale?

Êles prendem-se lá com essas ninharias!

A mulher há de ser sempre para êles o brinquedo das horas vagas, e só com os olhos embaciados pelo desejo lhe reconhecem qualidades proveitosas—e são as que lhe saciam a parte bruta.

Nem a sociedade se revolta contra o malfeitor que roubou, não só a honra, mas a felicidade de uma pobre iludida.

Sim, porque essa mulher podia encontrar um homem de bem que a fizesse sua esposa e lhe desse um lar tranquilo e feliz.

Assim, é apontada pela turba como uma mulher perdida, uma leviana que foi mãe sem ser esposa.

O Bernstein, um autor que nós conhecemos muito bem e que é agora empresário do Ginásio de Paris, substituiu Alice Cocéa num papel criado por ela, por solidariedade com o morto.

É verdade que o senhor Bernstein, que eu aliás admiro, nas suas peças é sempre pelo homem, sempre colocando-o num plano superior ao da mulher, que apenas vive da luz que dêle chega até ela.

Mas não há direito, é preciso grita-lo, de levar tão longe o egoismo, a ponto de fazer o cerco da fome a uma mulher que não tem culpa nenhuma de ser assim amada, e que de certo lamenta sinceramente que fosse ela a escolhida por êsse louco coração que para ela vivia e por ela morreu.

Que os homens se lembrem das suas próprias faltas, e não esqueçam que há no mundo milhões de infelizes que nos seus lábios sorveram o filtro da desgraça.

Mercedes Blasco.

CINEMA

«GRANDE HOTEL»



Greta Garbo

SE algum resultado útil a crise económica teve na indústria do cinema, foi, sem dúvida, o de melhorar a qualidade da produção, impondo às grandes empresas cuidadas maiores resultantes duma concorrência maior.

Praticamente, esta melhoria ficou representada por uma interpretação superior. Noutros tempos, quando o poder de absorção dos mercados mundiais quasi excedia a capacidade de produção dos estúdios de Hollywood, um artista de primeira categoria era quanto bastava para servir de justificação a um filme. Em torno dessa estrela, gravitavam uns quantos artistas mediocres, de que o público mal se apercebia. E a nenhum produtor ocorreria então a ideia de reunir num mesmo filme dois ou mais artistas célebres.

A crise veio modificar profundamente as condições de existência da indústria. O público começou a escassear nos cinemas, a procura de filmes diminuiu e a actividade dos estúdios decresceu. Estas circunstâncias intensificaram, por outro lado, a concorrência entre os produ-

tores, forçando-os a procurar numa elevação do nível artístico dos seus filmes. E de tudo isto resultou surgirem os primeiros filmes reunindo sob o seu título os nomes de três, quatro ou mais artistas de grande classe. O que até então se afigurava inconveniente tornava-se em face da crise uma necessidade — o único meio de vencer na luta de concorrência desenhada.

«Grande Hotel» avulta entre estas produções — que os americanos designam por «all-star» — tanto pelo interesse palpitante do seu entrecho, como pela qualidade excepcional dos seus interpretes. Nêle contraccenam alguns dos mais célebres artistas de cinema — John e Lionel Barrymore, Greta Garbo e Joan Crawford, Wallace Beery e Lewis Stone. Mesmo em papeis de reduzida importância como seja o do porteiro do hotel que deu nome ao filme, vamos encontrar actores de grande mérito como Jean Hersholt. Nestas condições, fácil é supor a excelente interpretação que toda a obra recebeu

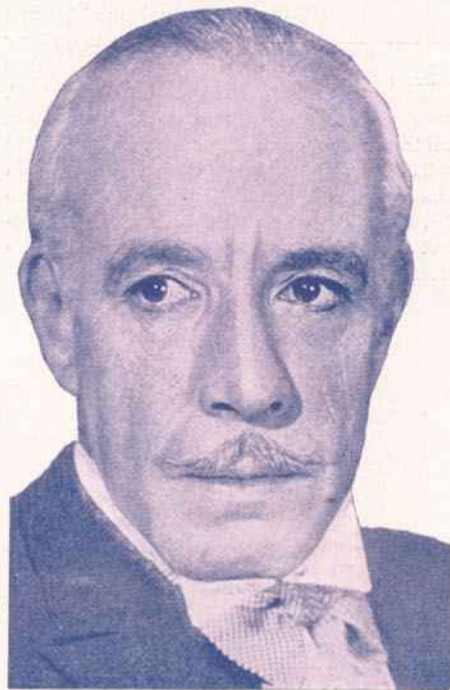


Joan Crawford

papel desempenhado por Wallace Beery — que minado por implacável moléstia sabe que tem os seus dias contados e procura aproveitar o que lhe resta de vida, lançando-se na dissipação das suas economias em companhia de Joan Crawford, como é empregada do grande industrial.

A acção tem o seu desfecho dramático na morte do aventureiro, surpreendido pelo industrial numa das suas expedições noturnas. Para escapar ao castigo que a lei lhe reserva, pretende o industrial que o seu empregado moribundo assuma a responsabilidade do crime. Mas este, que só esperava a oportunidade de se vingar de muita humilhação sofrida, denuncia-o à Polícia como o verdadeiro criminoso.

Não é possível em tão breve resumo dar uma ideia ligeira da intensidade da acção desta obra que, tanto sob a forma de livro como de peça teatral, alcançou grandiosos êxitos. Ao dedicarmos-lhe este espaço tivemos apenas em vista chamar a atenção do leitor para uma obra de invulgares qualidades e expressar o nosso desejo de que a sua apresentação se faça, em breve, em Portugal.



Lewis Stone

desde as primeiras figuras aos mais modestos comparsas.

Extraído do romance e peça de teatro do mesmo nome, da autoria da escritora alemã Vicki Baum, este filme tem por único cenário o ambiente cosmopolita dum grande hotel e a sua acção abrange unicamente o período de um dia. Esta unidade de lugar e de tempo tão difícil de obter numa obra cinematográfica — e que só em raros filmes, como «Docas de Nova York» e poucos mais, se encontra — bastará para dar uma ideia da alta categoria artística desta produção.

Greta Garbo interpreta o papel duma dançarina e John Barrymore o de um aventureiro que penetra no seu quarto para lhe roubar as pérolas, acabando por se enamorar dela. Lionel Barrymore tem o papel mais difícil do filme. É o secretário dum grande industrial de tecidos, —



Wallace Beery



Jean Hersholt



Juliette Compton numa graciosa atitude de bailarina

NOTA DA QUINZENA

Dom Quixote

O facto mais notável da actividade cinematográfica do momento é, sem dúvida, a realisação de Dom Quixote que Pabst está levando a cabo com o grande cantor russo Chaliapine como protagonista.

Entre a multidão de produções de diversa categoria e variável interesse que todos os dias surgem, esta obra impõe-se como um empreendimento artístico sensacional a que não é possível ficar indiferente.

Transpor para a tela a criação genial de Cervantes, esse cavaleiro louco de triste figura, não é, de facto, tarefa fácil. Tomando-a sobre si Pabst contraiu graves responsabilidades artísticas que vai procurar honrar pondo ao serviço desta obra o seu incontestável talento.

Mas como interpretará o realizador vigoroso, positivo e sombrio da «Tragédia da Mina», sensibilidade rectilínea de germânico, a figura cheia de fantasia que Cervantes criou e immortalizou? Que nova concepção nos dará ele desse símbolo ridículo em que se condensam os mais profundos vícios e virtudes da humanidade?

«Dom Quixote» será a resposta a esta pergunta, a solução deste curioso problema estético.

Que seja breve exibido em Lisboa, como o seu alto interesse justifica, são os nossos melhores de votos.

M. R.

* * *

Está-se procedendo em Hollywood à realisação de «Rasputine», filme baseado na extraordinária existência do famoso monge que tão funesta influência exerceu na corte russa.

A interpretação está a cargo dum notável grupo de artistas, entre os quais se contam os três irmãos Barrymore, Ethel, John e Lionel, que se apresentam juntos num filme pela primeira vez. Será Lionel Barrymore que desempenha

o papel do sinistro «Rasputine».

Os trabalhos de filmagem começaram já há doze semanas e devem ainda prolongar-se durante um mês, o que constitui uma duração raramente atingida por qualquer produção nos estúdios americanos.

* * *

Lily Damita está interpretando o principal papel, anteriormente recusado por Greta Garbo, no filme «O Rei dos Fosforos», inspirado na vida agitada de Ivar Kreuger. Esta película é a adaptação ao cinema do conhecido romance de Thorvaldsen.

* * *

Anunciou-se há tempo que a «Fox» ia quebrar a tradição do par Janet Gaynor-Charles Farrell, fazendo a linda Janet

contracenar no seu próximo filme com outro galã. A noticia provocou ao que parece funda emoção entre os admiradores dos dois namorados da tela, e tão grande foi o número dos protestos que choveram sobre a «Fox» que esta decidiu não levar por diante a sua resolução.

* * *

Cecil B. de Mille tem mais uma vez ensejo, na produção que actualmente dirige, de exhibir

o seu notável talento de encenador de grandes multidões. O «Sinal da Cruz», filme em que está trabalhando, contém numerosas cenas de grande figuração que representam as multidões romanas da época em que a acção tem lugar.

Diversos artistas de categoria interpretam esta nova produção do grande realizador de «O Rei dos Reis»: Frederick March, Claudette Colbert e Elissa Landi.

* * *

Apesar do excelente resultado da colaboração entre o realizador Mamoulian e Maurice Chevalier, cujo último filme, «Love me to-night» alcançou um grande triunfo, diz-se que a «Paramount» pensa confiar de novo a direcção do mais popular dos seus artistas ao conhecido realizador germânico

CINEMA

nico Ernst Lubitsch, a quem se devem, entre muitos outros, os belos filmes «Parada do Amor», «Tenente Sedutor», etc.

* * *

Fritz Lang já escolheu os interpretes da versão francesa de «Testamento do dr. Mabuse» que deve ser apresentado nos nossos «écrans» ainda esta época. São eles Monique Roland, Ginette Gaubert, Jim Gerald e Paulais.

* * *

Para a adaptação ao cinema duma peça do teatro que esta obtendo grande êxito em Nova York, os produtores puseram em prática, pela primeira vez, um curioso processo.

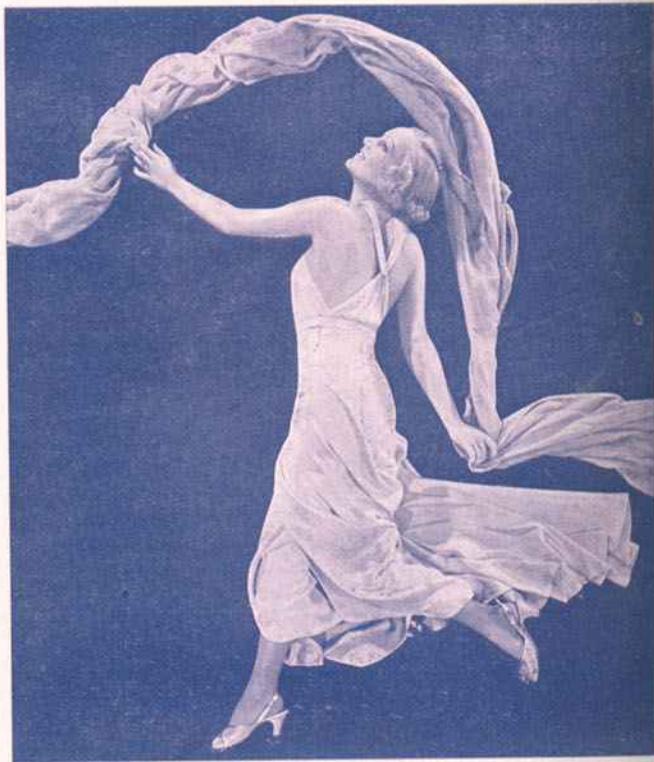
O espectáculo teatral foi filmado de começo ao fim, e a película resultante, que tem só carácter documental, é exibida repetidas vezes durante a realisação do filme, para que encenador e actores possam ir orientando o seu trabalho pela versão teatral da obra.

* * *

Jackie Cooper, o pequeno artista de «Skippy», festejou há dias o seu nono aniversário. E solenizou o acontecimento oferecendo um chá aos seus amigos, em que tomaram lugar cem convivas, todos, como êle, de verdes anos.

* * *

Wallace Beery e Marie Dressler, os dois característicos actores, vão interpretar juntos um filme no género do célebre «Min and Bill», em que conquistaram, há cerca de dois anos, um acentuado êxito.



A conhecida Carol Lombard iniciando-se no balletão clássico

CINEMA

REVISTAS DAS ESTREIAS

INAUGUROU-SE com brilho a actual temporada cinematográfica. Ao esforço dos exibidores, organizando os seus programas com filmes de categoria e de produção recentíssima, está o público correspondendo com um recrudescimento de interesse pelo espectáculo cinematográfico. O que permite prever durante a época que agora se inicia uma série de bons filmes e sensacionais estreias.

Abriu a temporada um filme de indiscutível mérito — «O Expresso de Xangai». Dois motivos, pelo menos, o impunham à nossa curiosidade de cinéfilos: a realização do Sternberg e a interpretação de Marlene Dietrich.

É que um filme de Sternberg não é nunca uma obra vulgar. Embora por vezes, dum realismo violento em excesso, é sempre um trabalho de análise penetrante, dum estilo nítido, duma admirável expressão s'ntética.

Quanto a Marlene Dietrich, inútil será dizer que é hoje uma das maiores artistas do «écran». As suas criações inimitáveis em «Marrocos» e «Fatalidade» demonstraram de quanto é capaz esta inteligentíssima actriz. O seu trabalho feito de subtilezas, de pequenos pormenores, tem um poder de sedução enorme que faz concentrar sobre ela o interesse duma obra inteira. Na «Amy Jolly» de «Marrocos» «X 27» de «Fatalidade» e «Xangai Lily» de «O Expresso de Xangai», Marlene encontra sempre forma de exprimir uma psicologia diversa. O aspecto físico dessas três mulheres é o mesmo. Mas o resto, o que revela uma vida interior e é feito de pequenos nada, é duma prodigiosa diversidade.

Assim «O Expresso de Xangai» não podia deixar de corresponder à nossa expectativa optimista. E o público, que soube compreender e admirar as belezas desta obra notável, premiou-a

com o seu significativo interesse.

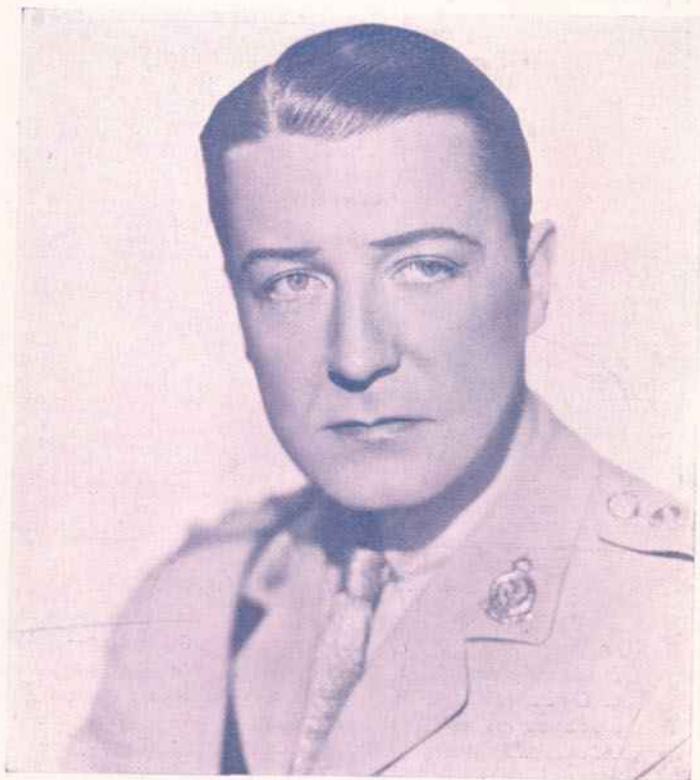
A acção desenvolve-se na China durante a viagem do expresso que faz a travessia Pequim-Xangai. O realizador fugiu hábilmente a reconstituir nos estúdios de Califórnia o ambiente tão característico do país. Limitou-se a apresentar-nos as *gares* de caminho de ferro, animadas por um ruído formigueiro humano em que duas raças opostas — brancos e amarelos — se cruzam e confundem. E apesar de ter deliberadamente fugido ao efeito fácil dos cenários fantásticos da velha China, a sugestão do meio ambiente é impressionante. Através das cenas do filme o espectador passa por todas as angústias que pode proporcionar esse gigantesco vespeiro onde domina uma raça estranha para a qual «o tempo e a vida não têm valor algum». Esse poder de sugestão é a maior qualidade desta obra, justamente porque não é obtido por meios directos e imediatos. O realizador atinge o mesmo resultado por processos indefinidos mas dum efeito seguro. Da primeira à última cena o espectador sente pesar sobre si o fardo intolável do ódio do amarelo ao estrangeiro. E contudo quasi não assiste a cenas de barbarie e violência.

Clive Brook contracenou com Marlene Dietrich e deu-nos uma das suas melhores criações na figura do oficial inglês fleumático e enérgico. Basta dizer que não safu diminuído do confronto com tão grande actriz para que bem se avalie da grande classe do seu trabalho.

O filme tem ainda uma fotografia admirável, de que resultam numerosas imagens duma impressionante beleza.

Brigitte Helm, a mais célebre «vamp» do cinema europeu, reapareceu em *Glória!*, espectáculo sem beleza e sem emoção. O seu trabalho é condicionado por um argumento ilógico e sem profundidade. Não é pois de estranhar que elle fique a grande distância de qualquer dos que fizeram a sua celebridade.

André Luguet e André Roanne interpretaram os principais papéis masculinos tão acertadamente quanto lhes foi possível. A travessia do



Clive Brook, que nos dá uma das suas melhores criações em «O Expresso de Xangai».

Atlântico de que se pretendeu fazer o *clou* do filme tem um interesse reduzido. Quanto às cenas de aviação, a sua tecnica é deficiente e os filmes americanos habituaram-nos de há muito a ser exigente.

Lillian Harvey, por sua vez, não foi mais feliz do que Brigitte Helm. Reapareceu no filme *Quick, o palhaço* ao lado de Jules Berry e Pierre Brasseur. O argumento, dum gosto duvidoso e duma psicologia confusa, prejudicou-a bastante. É verdade que o filme tem cenas graciosas e animadas que valorizariam qualquer obra. Mas no fundo não traz novos louros à produção Erich Pommer e até constitue uma excepção no conjunto equilibrado desta.

Jules Berry no papel de palhaço revela qualidades. Uma caracterização de fácil efeito permite-lhe interpretar o seu duplo papel com verosimilhança. No entanto, também elle foi prejudicado pelo argumento, que o obrigou a criar uma ingrata. Pierre Brasseur, o excelente comediante francês, tem o melhor trabalho do filme, depois de Lillian Harvey, num papel que soube animar com a sua fantasia habitual.

A música de Heymann, autor de partituras célebres como «O congresso que dança» e «As ordens de Vossa Alteza», é o que o filme tem de melhor. E contudo, está ainda abaixo do nível de qualquer das duas que acima indicámos.

Finalmente, Anny Ondra surgiu na tela do S. Luis num papel que lhe vai admiravelmente — «Anny Kiki», baseado na comédia célebre que há muito pouco tempo ainda Mary Pickford tentou também transpor para a tela.

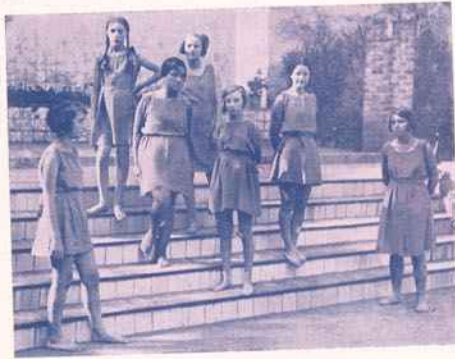
A realização de Charles Lamac é inteligente e põe em destaque o belo trabalho de Anny Ondra.

É um filme perfeito no seu género, cheio de cenas graciosas que deixam no espirito uma recordação risonha. Anny Ondra é incomparável e desenvolve, mais uma vez, todos os seus recursos de graça, fantasia e juventude.

Manuel L. Rodrigues.



Marlene Dietrich, a grande interprete de «O expresso de Xangai».



As discritas de Soso Donkas

A professora grega de danças rítmicas Soso Donkas, diplomada pelo Instituto Dalcroze de Geneve, veio trazer ao renascimento artístico e cultural que se está dando entre nós, uma apreciação e simpática contribuição. O esforço desta estrangeira cheia de mocidade, e integrada no espírito da obra de Dalcroze, não pode, nem deve, passar despercebido.

O método de Dalcroze, que tem tido nestes últimos anos uma larga divulgação e acção nos principais países da Europa e na América, visa a obter por forma equilibrada um desenvolvimento do corpo, físico e plástico, pela reunião de dois elementos: a ginástica e a dança — mas não só a esbelteza e o vigor físico se conseguem na prática deste método. As faculdades de energia da vontade, iniciativa, concentração e personalidade desenvolvem-se paralelamente.

Todo este harmonioso resultado pode ser verificado pelos artistas, músicos, intelectuais e demais público que acorrem à demonstração há pouco levada a efeito no parque do Museu do Conde de Castro Guimarães, em Cascais.

A rancagem de frontão arvoredo, a policromia dos azulejos e o cantar da água corrente, eram o fundo adequado aos frisos de helénica elegância que as atitudes clássicas de Soso Donkas e seus jovens discípulos iam formando.

A 1ª parte do programa era dedicada a exercícios de rítmica e plástica animada com improvisações individuais e em conjunto; 2ª parte a interpretações dos bailados do «Orfeu» de Monteverdi e

Improvisação em grupo

de trechos de Bach, Dalcroze, Chopin, Beethoven e Scriabine.

Esta festa veio mostrar-nos um novo aspecto da cultura, que bem merece ser generalizada nos institutos de ensino oficial e particular.

É seria de mais lembrar que se constrói no parque do Museu do Conde de Castro Guimarães um teatro da natureza no qual possa ser revelado um mundo de superior beleza ainda desconhecido dos Portugueses?

Entre nós, há muitos motivos para danças. Manuel de Sousa Pinto — «aberto» crítico e escriptor que tem abordado

este género — publicou em tempos uma obra intitulada «Danças e bailados». Dela, extrairamos este trecho, com que fecha o seu interessante volume:

A dança portuguesa, bailados portugueses.

Porque não? O difícil é lançar a semente. Depois as flôres nascem.

Ainda não desesperes de poder respirar com os olhos o perfume rítmico de uma bailarina portuguesa, a brincar no palco toda a graça lânguida, sentimental e airosa do seu torrão.

Se ajudássemos o seu desbrochar? Se dêssemos corpo leve e cadencioso ao vôo inquieto das nossas almas?

Se lográsssemos descobrir para Portugal a mulher que soubesse ser bela bailando as danças do sul?

A nossa bailarina —; usa bem dita do nosso sonho!

O homem português já aprendeu a voar. Porque se não decidirão as portuguesas a esvoaçar, a rodopiar, a fascinar em scena, à nossa vista agradecida?

Venham as bailarinas! Pés e braços à obra!; Mãos no ar, nos estalinhos, ancas moveidas, busto aprumado, sorriso nos olhos, brilho nos lábios, saia de roda, chinelinha, e vamos à viração, paradas meninas!

Em arte, a dança é uma linguagem, como é outra linguagem a música ou a pintura.

A DANÇARÍTMICA

é uma curiosa demonstração

Todos os povos, mais ou menos, a falam, por espontâneo instinto, correspondente à necessidade de movimento, à exteriorização da alegria, ao convívio amoroso que a dança significa.

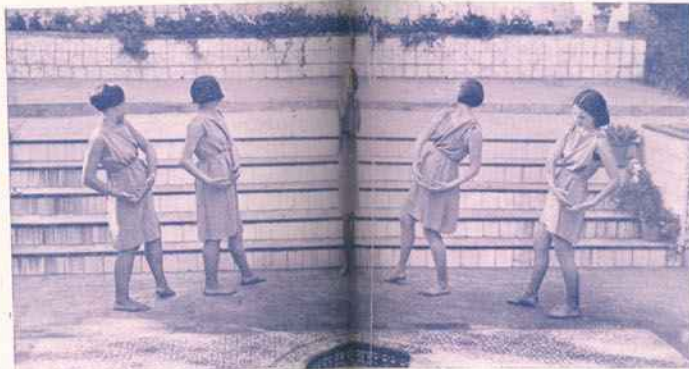
A dança é, originariamente, uma arte popular, com raízes fundas no sub-solo da raça.

Nada mais típico, mais nacional, que certas danças, pois, traduzindo em especiais atitudes

ças populares. Já vi saíões dançarem o Tango e surpreendi o *One step* em festarolas provincianas.

Engendraram-se, no género, as coisas mais híbridas e disparatadas devido sobretudo, à mania dos chamados «Ranchos», orientados pela pretensão espectacular da novidade.

No entanto, existem, sem contestação possível, danças portuguesas.



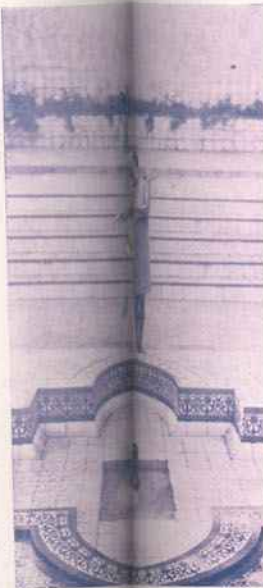
Improvisação de Soso Donkas

o feito de cada região, há, a maior parte das vezes, na seriação dos seus movimentos, uma linha própria, dominante, que inconfundivelmente assinala o povo a que corresponde.

Uma dança andaluza não se parece com uma dança francesa, como uma dança inglesa difere muito de outra brasileira ou italiana.

Ninguém, por mais cego, confunde a Farandola provençal com a *Mulheira galega*, nem a *Sardana catalã* com o *Verde Galo*, o *Maxixe* ou a *Tarantela*. Também em Portugal, a dança tem modelos e características diversas, não se assemelhando os bailaricos do norte aos do sul.

Há mesmo curiosas zonas de demarcação nesse sentido. Às vezes, em terras vizinhas, as danças divergem, ou o modo de as dançar; se bem hoje, com a facilidade de comunicações e o urbanismo desenfreado, seja, infelizmente, vulgar a descaracterização, o acitadimento das dan-



Os profanos também não de Chapin

Há, principalmente, uma maneira bem portuguesa de dançar, que muito conviria aprofundar, estilizar, desenvolver. Nisso está tudo.

Não há bailarinas portuguesas em Portugal.

Habitadas à falta lutuosa, esquecem-nos de o estranhar; mas constata-o, admirado, quem vai ao teatro com ideia de as descobrir facilmente, como em outros países. O facto corresponderia a uma verdadeira maldição, a um tremendo descrédito contra a graça e agilidade da mulher portuguesa, se, nas festas e nos bailes dos domingos, a não vissemos dançar, por onde quer, tanto e tão bem.

Quem fornárdela por aí e percorre arruais e romarias, sabe de sobra como as *Chacopas* dão o *cavquinho* pela dança, como lhes salta o pé para bailarem, e como são, por vezes, enfeitadas nas atitudes e as expressões das dançadeiras portuguesas.

Poderia alegar provas numerosas. Velho pesquisador de danças, guardo na memória algumas deliciosas figuras, a que ainda este ano dei companhia.

Apenas mencionarei a Chula, do Douro, que, quando dançada a preceito, é um quadro encantador; por má sorte em decadência, porque as novas a trocaram por outras danças: resultando serem, não direi as velhas, mas as mulheres já de certa idade, quem mais brilha nessa senhoria contradição de corte, transplantada ao campo. Nas «sovas» do Paço da Serrana, da tão hospitaleira *Clarinha*, tive ocasião de ver dançar a Chula pela lavadeira da casa com um inextinguível aprumo.

Há pouco ainda, na privilegiada região de Aveiro, assisti a um «Vira do meio» admirável de brío.

Urge criar em Portugal, artisticamente, o gosto pela dança. Cuidar da educação rítmica da mulher, Aprontar bailarinas.

Obter-se-iam, assim, os instrumentos, que, manejados por decoradores de fantasia, por músicos inteligentes, por argumentistas de inspiração e coreógrafos inovadores, permitissem tentar, ainda que com cautelosa modestia, o bailado português, dançado em português, vestido à portuguesa, e enriquecido com a valiosíssima série de coisas, a hem dizer inéditas, e lindas, que Portugal — tesouro farto — ainda tem ou já teve.

Pensemos no caso.

Temos na vizinha Espanha uma indicação frisante e incitadora.

As danças das bailarinas espanholas são, quasi todas, na origem, danças populares, melhor ou pior estilizadas.

A Jota, por exemplo, que costuma entusiasmar tanto o portuguêsinho, é uma dança regional de Aragão, em cuja capital, Saragoça, se organizam todos os anos, pelas festas do

Pilar, concursos de Jota, entre bailadoras do povo.

Lembro-me de lá ter assistido à revelação duma Jota desconhecida, por um par de batuetos do interior, tão bisonhos no aspecto, que, ao aparecerem em scena, houve gargalhada, mas que, ao terminarem, tiveram, com o prêmio grande, um delírio de aplausos.

Cá, poderiam-se instituir-se concursos locais de danças típicas; com vantagem para Lisboa, onde os premiados não deixariam de vir mostrar-se.

Aproveitando as fontes populares, por um lado, e, por outro, inaugurando o ensino português da dança, aliado à cultura rítmica, favorecer-se-ia a manifestação de temperamentos dançantes, que trouxessem à dança portuguesa a parte individual de criação e interpretação que a verdadeira arte não dispensa.

Valla a pena experimentar.

É lenta e fatigante a educação coreográfica, essencialmente muscular, e indispensável para nela se exercitar, com bom êxito, o trabalho artístico.

!Toca, portanto, a dançar, minhas meninas! Não se arrenderão. Quisí se pode garantir, à que mais se salientar, além de glória florida e muita saúde, uns fartos cobres para o exoval.

!Pela dança portuguesa!

!Pela dança portuguesa!



Improvisação em grupo

(Fotos Serra, Ribeiro)

desportos

OS FACTOS DA QUINZENA

O ciclismo português continuou despertando as atenções do público, e todas as suas organizações se revestem de um interesse excepcional, mercê das rivalidades nascidas nos episódios da III Volta a Portugal.

Foi primeiro a Volta dos Campeões, na Figueira da Foz, ganha por Nicolau, mas que, por uma forçada desistência de Trindade, deixou indecisa a luta de supremacia que o sectarismo popular criou entre ambos; depois a corrida Lisboa-Coimbra em que os dois rivais não puderam derimir a questão porque Trindade se não inscreveu deixando a Nicolau uma vitória brilhante, mas insignificativa. E o valôr destes dois homens não nos pode fazer esquecer a classe dos restantes.

O extraordinário desenvolvimento que assim



O professor Martin Pláa, campeão do mundo profissional

está tomando no nosso país o desporto da bicicleta, sobretudo em estrada, faz-nos prever próximas as primeiras competições internacionais, indispensáveis a um progresso efectivo e única forma segura de avaliar a classe dos nossos melhores ciclistas.

As médias alcançadas nas últimas provas efectuadas, bem como aquelas das *étapes* mais renhidas na Volta a Portugal, anunciam uma melhoria sensível dos nossos homens, mas que os deixa ainda muito longe dos valores internacionais. O paralelo é, contudo, difícil de estabelecer, e frágil como argumento conclusório, pois as condições de corrida são sempre diferentes e ninguém pode antever qual seria o comportamento dos *azes* portugueses tendo a seu lado homens que os apertassem.

Registemos no entanto, a título comparativo, que em Paris, a uma semana de intervalo, Archambaud ganhou o Grande Prémio das Nações, 140 km contra relógio, a mais de 37 km. à hora, e o amador Noret venceu em Montlhéry os 150 km. do Critério dos «Comingmen», a uma média equivalente.

O que fariam, em tal companhia, os nossos Nicolaus, Trindades & C.ª? Eis um problema interessante do actual momento desportivo português.

Os franceses perderam a supremacia mundial no *tennis* amador, após as duas derrotas que o americano Vines infligiu ao prestigioso Cochet.

O brio desportivo gaulez acaba de encontrar em Berlim, uma compensação parcial a este desaire pelo triunfo de um compatriota no campeonato do mundo profissional da mesma especialidade.

O professor Martin Pláa, treinador da *équipe* francesa da Taça Davis, conseguiu destronar o sempre jovem Tilden, batendo-o em três partidas implacáveis, 6-0, 6-4, 8-6, mercê de um esforço de vontade que o deixou exausto.

Esta fadiga deve ter contribuído para que encontrasse muito maior dificuldade em vencer os outros dois competidores apurados para a *poule* final, apesar de estarem longe do valor do «Big Bill».

Ambos os encontros foram às cinco partidas, sendo o *score* contra o alemão Nusslein, 11-9, 5-6, 1-6, 7-5, 9-7 e contra o irlandez Alberto Burke, 6-2, 6-1, 1-6, 5-6, 6-4.

Esta troca de lugares entre americanos e franceses mantém em idênticas proporções o problema da superioridade mútua, mas não deve ser erro supôr que a alegria da vitória de Pláa não compense o despeito pela derrota de Cochet. Este, porém, está longe ainda de ser um jogador liquidado e pode muito bem reconquistar no ano próximo o seu título mundial, trazendo à França uma supremacia total que ela nunca ainda conheceu.

Detalhe significativo: o ministro francês da educação física enviou a Pláa uma carta de felicitação pela sua vitória.

No velodromo Bufalo, em Paris, realizaram-se agora corridas de avestruzes. Os animais, pertencentes a um criador da Sardenha, apresentavam-se de duas maneiras: atrelados e montados.

Nesta última modalidade, a mais curiosa e pitoresca, o *jockey* senta-se num pequeno selim, dobrando as pernas sob as asas do animal, sem estribos para se apoiar. Para dirigir a montada serve-se de umas redeas com três bridas, pre-



Rodrigo Garrido, campeão de Lisboa de velocidade em bicicleta

sas a uma espécie de açamo que envolve o bico da ave. As avestruzes, algumas das quais atingem uma altura superior a dois metros, são animais muito robustos, pesando em média 150 quilos. Quando lançadas em corrida atingem velocidades de sessenta e setenta quilômetros à hora, o que não é para desprezar.

Esta exibição causou considerável interesse no meio parisiense, apesar de habituado a quanta originalidade ocorre à inventiva humana.

Esta, num campo diferente, tem sido prodiga na construção de aparelhos, mais ou menos bizarros, destinados a suplantarem as concepções actuais da popular bicicleta, e quasi sempre conduzindo a resultados de fracasso. Ultimamente apareceu em Longchamp uma nova mecânica, intitulada *velocar*, e que parece digna de sério interesse. Baseando-se em que um homem exerce maior força com as pernas quando tenha o dorso e os rins apoiados, o inventor do *velocar* construiu o seu aparelho de maneira que o pedalante está quasi deitado.

As primeiras experiências permitiram realizar velocidades impressionantes, dignas de um



Serão assim as bicicletas do futuro?



O francês Archambaud, vencedor do Prémio das Nações

ciclista de grande classe, apesar do individuo utilizado não ser possuidor de qualidades notáveis.

Todos os anos, próximo de Portsmouth, numa base naval de submarinos, se realiza um festival desportivo alegre, no qual uma das provas mais apreciadas é uma corrida de escafandros. Os concorrentes, metidos num saco e tendo enfiado da cabeça o respectivo capacete de mergulhar, são obrigados a percorrer saltitando determinada distância, o que dá origem a trambolhões e incidentes cómicos; o mais interessante porém é que as esposas dos concorrentes devem, durante a prova, reconhecer os respectivos maridos e acompanhá-los até à chegada, sendo frequentes os enganos para maior gozo da assistência.

Há famílias que parecem votadas ao desporto e cujos elementos perpetuam, nas competições desportivas, apelidos que se tornam célebres e queridos da massa popular. Em Portugal tivemos os Stromp, os Pereiras, os Augusto; mas poucos pais se podem orgulhar da sua prole como o finlandez Verner Jarvinen, cujos descendentes são dos mais brilhantes atletas de uma geração atléticamente brilhante.

Verner Jarvinen,

que conta hoje uns cincoenta anos, foi um campeão consagrado, vencendo nos jogos olímpicos de Atenas, em 1906, a prova do lançamento do disco, estilo clássico. Em 1909, usando do atual estilo livre, alcançou com o disco 44m, 84, ou seja mais 3m, 84 do que o nosso récore nacional.

Tem três filhos. O mais velho, Kalle, tem 29 anos, saltou em comprimento 6m, 80, lançou o dardo a 19m e o peso a 15m, 65, resultado que poucos europeus têm conseguido ultrapassar.

O segundo descendente, Aquiles, foi até há dois meses recordman do mundo do decathlon, classificando-se segundo em Los Angeles, com as seguintes «performances»: 100m, em 11s. 1/10; 400m, em 50s. 2/5; 1500m, em 4m, 47s; 110m, barreiras em 15s. 7/10; 1m, 75 em altura, 7m, em comprimento, 5m, 60 à vâra; lançamento do peso a 13m, 11, do disco a 36m, 81 e do dardo a 61m.

Com estes resultados Aquiles Jarvinen seria detentor de 6 récores portugueses, devendo saltitar-se que, pelas condições do concurso, as dez provas foram feitas em duas tardes.

Finalmente, o filho mais novo, Matti, especializou-se no lançamento do dardo, sendo campeão olímpico em 1932 e detentor do récore do mundo, com 74m, 02.

Qual o pai que consegue apresentar uma mais gloriosa bagagem desportiva de seus filhos?

A quinzena em Portugal, embora sem acontecimentos de destaque, foi bastante animada e duma variedade invulgar. Quasi todas as modalidades manifestaram actividade.

O foot-ball marcar com o interêsse torneio da taça Preparação, que reuniu os melhos do campeonato do ano passado, e terminou pelo triunfo do Sporting que venceu Barreirense e Benfica, este último por um scorc de severidade pouco frequente. O quarto competidor foi o Belenenses, atual campeão de Lisboa, e que iniciou mal a nova temporada, contando as derrotas pelo número de exhibições.

O campeonato regional de velocidade em bicicleta, disputado na Avenida da India, foi pouco concorrido e nele o Sporting deu leis, classifi-



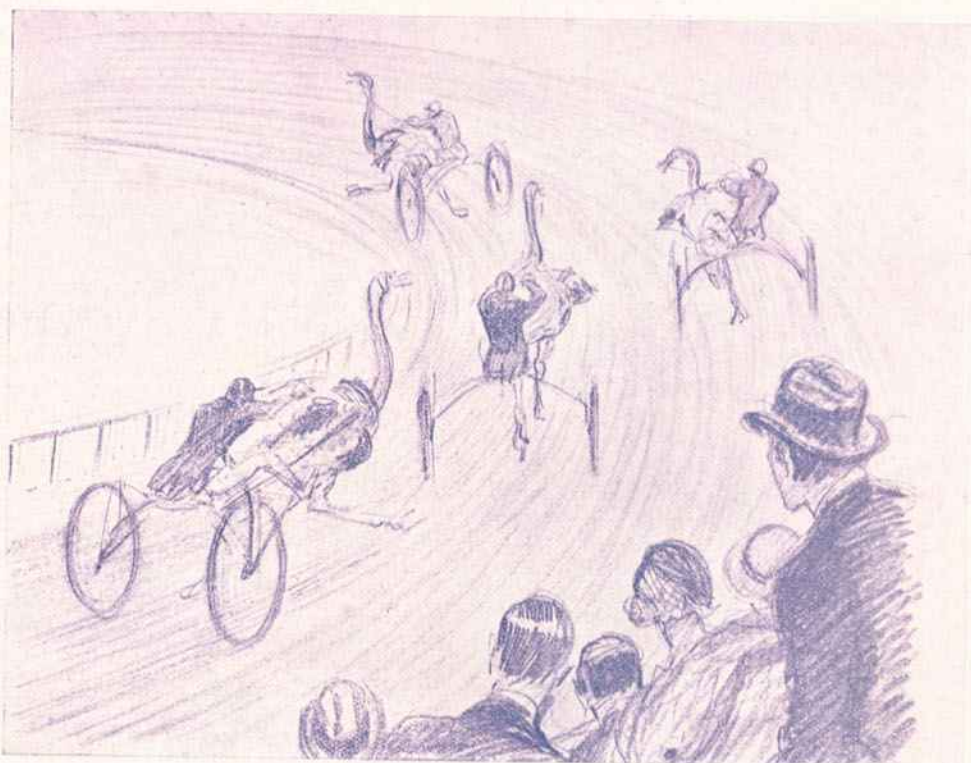
Um escafandro correndo, acompanhado pela esposa

cando os seus quatro homens na final e conquistando os três primeiros lugares, ou seja a totalidade da representação lisboeta no campeonato nacional. Rodrigo Garrido, com relativa facilidade, conservou o titulo que alcança pela terceira vez.

Os campeonatos de natação reuniram importante número de concorrentes, permitiram que fossem batidos alguns records, mas demonstraram também quanto estamos atrasados em relação aos valores internacionais.

O circuito de Cascais, corrido em motocicletas, foi uma prova emocionante pelos acidentes a que deu lugar, mandando para o hospital os dois concorrentes mais cotados e, parece, demonstrando a falta de desportivismo de alguns participantes. Finalmente, em Cascais ainda, realizou-se o anual torneio internacional de tennis, do qual participaram alguns novos jogadores francêses de certa nomeada, como Marcel Bernard e Goldsmith, o espanhol Tejada e o veterano inglês Turnbull. Escusado será dizer que as estrêlas portuguesas se apagaram por completo no confronto.

Salazar Carreira.



Uma corrida de avestruzes, num velodromo de Paris

Festas de caridade

EM SINTRA

Constituiu sem duvida alguma, um verdadeiro acontecimento mundano, na vila de Sintra, o «chá dançante» de caridade, que na tarde de 4 do corrente, se realizou nos salões do Grande Hotel Costa, gentilmente cedido pelo seu actual gerente, sr. Ricardo Allen, que tambem ofereceu uns artisticos ramos de flôres, feitos pela sr.^a D. Maria Celeste Bettencourt da Cunha, «chá» levado a efeito por uma comissão de gentis senhoras solteiras pertencentes à nossa primeira sociedade, actualmente vareneando em Sintra, e da qual faziam parte as seguintes: D. Ilda Burnay Paiva de Andrade, D. Irene Faro e Oliveira, D. Laura de Abreu Reis Ferreira, D. Maria Adelaide Barbosa de Guimarães Serodio (Sabrosa), D. Maria Emilia Machado Mendes de Almeida, D. Maria José Wazza de Andrade Antunes dos Santos, D. Maria Luiza de Melo e Castro Trigoso, D. Maria Tereza de Melo Ulrich, D. Marta Fuschini de Lima Mayer, e D. Vera Cast Seixas, e cujo producto se destinava a favor de varias obras de beneficência patrocinadas pela comissão organisadora.

Por iniciativa do sr. Alberto Veasco y Mera, pelas cinco e meia da tarde, deu entrada no salão da mesa, um autentico «Zé Pereira», que foi recebido pela selecta assistência, com vibrantes aplausos, que executou um variado programa de músicas modernas, alternando depois com o quarteto «jazz-band» do Hotel Miramar, do Mont'Estoril, que abrihantava a festa, prolongando-se a dança até perto das nove horas e meia da noite, sempre num crescente de animação. Na assistência via-se tudo que de melhor conta a nossa sociedade elegante, de Sintra, Cascais, Estoril, Colares e Praia das Maças.

A comissão organisadora desta festa, bem como da «ceia à americana» está verdadeiramente grata ao sr. Ricardo Allen, pela fórma como a coadjuvou, nessas duas brilhantes festas realisadas nos salões do Grande Hotel Costa.

Em Gouveia

Os salões do solar da sr.^a D. Maria José Madeira Tinoco Borges, viuva do sr. dr. Porges, em Gouveia, viveram na noite de 27 de setembro, último, por ocasião da lindíssima festa que essa illustre senhora da primeira sociedade da Beira Baixa ofereceu às pessoas das suas relações, momentos, que decerto ficarão gravados inolvidavelmente na memória de todos aqueles que tiveram o prazer de a ela assistirem.

O aspecto dos salões do solar de Gouveia, nessa noite, ornamentados, com grande profusão de flôres dos jardins do mesmo solar, era verdadeiramente encantador, dando perfeitamente a ilusão de um autentico jardim, pois, os vestidos multicolores das inúmeras senhoras que os povoavam confundiam-se com as flôres naturais.

Dançou-se animadamente ao som de uma exímia orquestra «jazz-band», succedendo-se as danças quasi que interruptamente.

Uma das notas alegres desta linda festa, que ficará de certo marcada a létras de ouro nos anais mundanos, foi o «Estaladinho» a popular dança do Norte bem como uma «contradança» marcadas ambas pelo sr. Conde de Vinhô e Almedina, que mais uma vez teve occasião de por em destaque o seu fino espirito, marcando, como éle o sabe fazer, essas duas danças.

Pelas três horas da madrugada foi interrompida a dança, sendo servido no salão de mesa



A sr. D. Alda Mendes e o professor sr. Victor de Carvalho Piloto no dia do seu casamento

Casamentos

Com muita intimidade, realizou-se na capeja particular da residência da sr.^a D. Madalena Lopes de Brion, sendo celebrante o reverendo Joaquim Manso, que no fim da missa fez uma brilhante alocação, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria do Carmo de Barros Pereira de Carvalho, com o sr. António Peixoto e Cunha, tendo servido de madrinhas as sr.^{as} D. Alice Ferreira de Carvalho de Brion, irmã da noiva e D. Maria Pery de Linde Peixoto e Cunha, cunhada do noivo e de padrinhos os srs. Comandante Carvalho Crate, cunhado da noiva e Coronel do Estado Maior Peixoto e Cunha, irmão do noivo.

Finda a cerimónia religiosa, foi servido na elegante residência da sr.^a D. Alice Pereira de Carvalho de Brion e do Comandante sr. Nuno de Brion, irmã e cunhada da noiva, um finíssimo lanche, seguindo os noivos no «sud» para a sua quinta em Amarante, onde foram passar a lua de mel.

— Realizou-se há dias, com muita intimidade o casamento da sr.^a D. Alda Mendes com o distinto arquiteto e professor da Escola de Belas Artes de Lisboa, sr. Victor de Carvalho Piloto.

Na Costa do Sol

A noite de quarta-feira 12 do corrente, no salão de mesa do Estoril-Palácio-Hotel, onde se realizou o segundo «jantar de gala» constituiu sem duvida alguma um acontecimento mundano, não só devido à extraordinária animação que revestiu, como sobre tudo pela escolhida frequência, que ali ocorreu, em que se notava além de grande número de famílias estrangeiras que se encontram ali veraneando, vários membros do corpo diplomático e grande número de famílias da nossa primeira sociedade.

Na assistência notavam-se entre outras as sr.^{as}:

Esposa do Ministro da Alemanha, Esposa do Conselheiro da Legação de França, Marquesa do Cadaval, Marquesa de Tancos, Condessa do Cartaxo (D. Maria), Condessa viúva de Castillo del Togo e filha, Condessa de Carnide, Condessa de Calhariz, D. Luzia Patrício de Fratel, D. Octávia Cuedes Cau da Costa, D. Justina Fialho de Sousa Coutinho e filhas, D. Alda Guedes Pinto Machado e filhas, D. Izabel Fialho de Mendonça, D. Filipa de Sá Pais do Amaral Coelho, D. Maria Izabel de Castro Pereira de Arriaga e Cunha, D. Maria do Carmo da Câmara de Noronha Husum, D. Maria das Dores de Melo e Castro Trigoso e filha, D. Maria do Carmo de Castro Pereira de Carvalho, D. Maria Tereza de Lima Mayer de Magalhães, D. América Rocha Melo e filha, D. Maria da Conceição Bracourt Camargo e filhas, D. Maria Luiza Morano, D. Bernardette Vaz Sarafana, D. Maria Luiza de Melo Ulrich, D. Emilia Aranha Gonçalves, D. Maria de Lourdes de Vasconcelos e Sousa Perestrelo, D. Margerith May de Carvalho, D. Maria Ludovina Soares de Albergaria Diniz, D. Guita de Calheiros e Menezes, D. Luiza de Sá Pais do Amaral Maticieira, D. Madalena Soto Maior Pinto Basto, D. Maria Adelaide de Castro Pereira de Balsemão, D. Maria Baltazar de Balsemão, D. Maria da Assunção Pinheiro Chagas Taquenho, D. Ester Abecassis Seruya e filha, D. Berta Correia Ribeiro, D. Irene de Vasconcelos, Senhora de João Bianchi, D. Maria Alice Guedes de Heredia da Bandeira, D. Maria Tereza Pinheiro Chagas, D. Maria Tereza Bracourt Pestana de Vasconcelos, D. Petty Pressler Aranha, D. Maria da Câmara Assis, etc., etc.

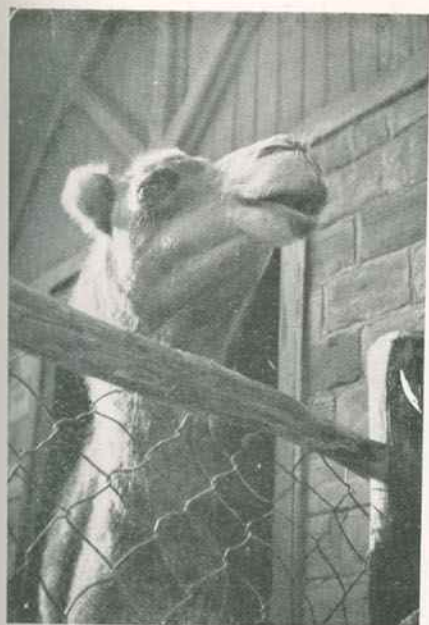
D. Nuno.

VIDA ELEGANTE

do solar, onde se encontravam expostas grande número de preciosidades, uma finíssima ceia.

Na assistência, via-se tudo de que de melhor conta a nossa primeira sociedade, não só de Gouveia, como dos arredores, entre as quais figuram os seguintes nomes:

D. Amelia Leitão, sr.^a de Charles Lepierre, D. Palmira dos Santos Boto Machado, D. Eugenia dos Santos, D. Leopoldina Caldeira Cabral Montenegro, D. Candida Pessanha Caldeira Cabral, D. Maria do Patrocinio Mendes Oliva, D. Virginia Ferreira de Almeida, D. Maria dos Prazeres Marvão Toscano, D. Berta Barata Pires-D. Maria da Luz Marvão Toscano, D. Hermínia Barata Pires, D. Madalena Lapierre Tinoco, D. Guilhermina Ferro de Castro, sr.^a de Henry Reynand, D. Ana Gabriela Boto Machado Falcão, D. Maria Benedicta Lopes da Costa, D. Eugenia Boto Machado, D. Maria Luiza Ivens Ferraz, D. Capitolina Mendes Oliva, D. Maria Luiza Azevedo Caldeira Corsino, D. Maria da Gloria Mendes Oliva, D. Maria Leopoldina Caldeira Cabral Montenegro, D. Clotilde Ferreira de Almeida, D. Ana Maria Madeira Tinoco Borges, D. Alice Ferreira de Almeida, D. Maria Isabel Reis, D. Ana Maria Boto Falcão, D. Amalia Teixeira, D. Ana da Conceição Aragão, D. Maria Natália Barata Pires, D. Maria Adelaide Portugal Moreira, etc., etc. E os srs. Conde de Vinhô e Almedina, capitão de Mar e Guerra Pedro dos Santos, Dr. António Boto Machado, Dr. Herminio Leitão, Dr. António Pires, Henry Reynaud, António Ferro de Castro, capitão Cabrita, Dr. Pedro Boto Machado, António Lopes da Costa, Dr. Matos Beja, Dr. José Veiga da Fonseca, Rui Pires, Dr. Carlos Ferreira de Almeida, Dr. Augusto Oliveira e Silva, Dr. Cezar de Oliveira Pegado, Dr. José Montenegro Caldeira Cabral, Alferes Guerra, Aspirante Tristão Carvalhais, António e Carlos Lepierre Madeira Tinoco, Henrique e Frederico Pires, António e José Pessanha Caldeira Cabral, José Borges Marvão, Gustavo Pires, etc., etc.



471 — O CAMELO — (Foto do sr. José Manuel Rodrigues — Lisboa)

Concurso Fotográfico
entre amadores
organizado pela
ILUSTRAÇÃO



472 — FEIRA DE GADO — (Foto do sr. Cesar Costa — Chaves)



473 — A SEVE — (Foto do sr. Fernando Bastos — Guarda)



474 — BOAS BOLACHAS — (Foto da sr.ª D. Herminia Correia Pires — Vizeu)



475 — «LA VALLEES» — (Foto do sr. José de Almeida Santos — Roulogne-Mer)



476 — CAUREGANDO MATO — (Foto do sr. E. Patronilho — Constância)



477 — NO MOSTEIRO DE CELAS — (Foto do sr. José Pedro de P. M. da Rocha Calixto — Coimbra)



478 — GUARDANDO OS PORCOS — (Foto do sr. Duarte de Araujo — Funchal)



479 — S. VICENTE — (Foto do sr. João Gonçalves de Sousa — Funchal)



480 — S. MARTINHO DO PORTO — (Foto do sr. Antonio Rodrigues Ferreira — Caldas da Rainha)



481 — O SERENO RIO — (Foto do sr. Manuel Abreu — Coimbra)



482 — NAZARÉ — (Foto do sr. Alvaro Laborinho — Nazaré)



483 — ARANDO O CAMPO — (Foto do sr. Manuel Abreu — Coimbra)



484 — PAISAGEM — (Foto do sr. Alvaro Laborinho — Naçare)



485 — BELAS UVAS — (Foto do sr. Bernardo Dias — Vianna do Castelo)



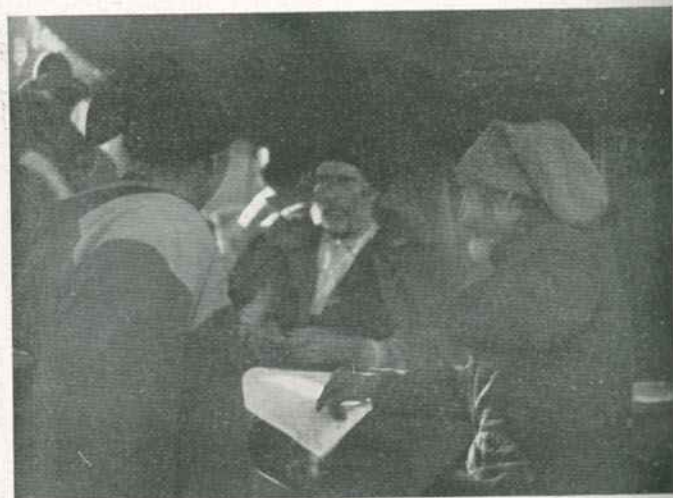
486 — ATANDO O FEIXE — (Foto do sr. Manuel Alves Sereno — Coimbra)



487 — ATRAZ DA BARBOLETA — (Foto do sr. Candido Fernandes Reis — Estoril)



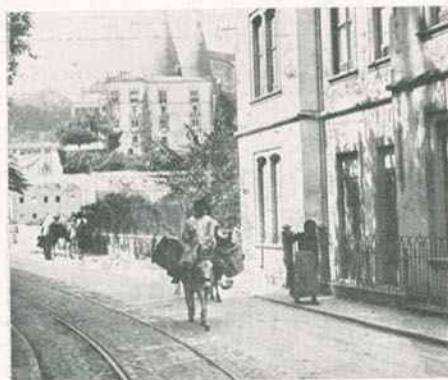
488 — GATOS BRINCANDO — (Foto do sr. José Manuel Rodrigues — Lisboa)



489 — CONVERSANDO DEBAIXO DO TOLDADO — (Foto do sr. J. M. — Lisboa)



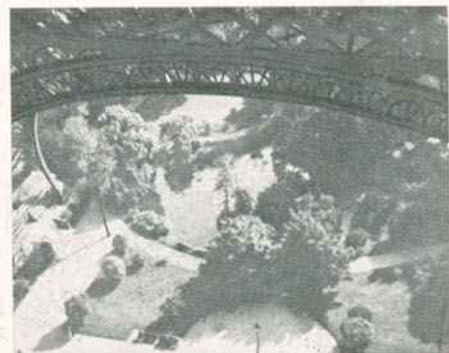
490 — FEIRA DE GADO — (Foto do sr. Cesar Costa — Chaves)



491 — SALOIO DA FRUTA — (Foto do sr. Mario Arzjo Sousa — Lisboa)



492 — REFEIÇÃO DE CIGANOS — (Foto do sr. Cesar Costa — Chaves)



493 — TORRE EIFFEL — (Foto do sr. Cesar Costa — Chaves)



494 — FOOT-BALL — (Foto do sr. Edgar Santos — S. Pedro do Sul)



495 — PESSOA-GUIMARÃES — (Foto do sr. Manuel Augusto Vaz — Porto)



496 — A VOLTA — (Foto do sr. José Henrique Pinto — Porto)



497 — QUEDA DE ÁGUA — (Foto do sr. Manuel Augusto Vaz — Porto)



498 — A VARRA LARGA — (Foto do sr. Adelino Semedo Barata — Idanha-a-Nova)



499 — TROCADÉRIO PARIS — (Foto do sr. Manuel Augusto Vaz — Porto)



500 — EM ANGOLA — (Foto do sr. D. Manuel Rui Duarte Ferreira — Louanda)



501 — BARCELOS — (Foto do sr. Manuel Augusto Vaz — Porto)



502 — AVENIDA DOS TUISTES — (Foto do sr. Carlos Teixeira de Sá — Guarda)



503 — O CISNE — (Foto do sr. J. M. — Lisboa)



504 — GUILHES — (Foto do sr. Mário Silva — Vila Real)



505 — CONTRA-LUZ — (Foto do sr. Victor Galo — Marinha Grande)



506 — QUINTA DO JARDIM DA SERRA — (Foto da sr.ª D. Maria Nômia Rodrigues de Araujo — Funchal)



507 — QUESTÕES DE XIBÓCIO — (Foto do sr. E. Portugal — Lisboa)



508—Foz do Douro—(Foto do sr. Antonio Albuquerque—Porto)



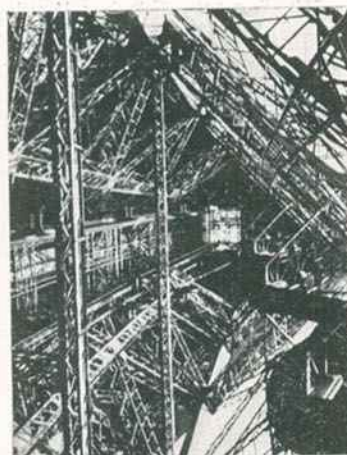
509—CATUMBELA—VALA DE AGUA DO CASQUICE—(Foto do sr. Manuel Dias Ferreira—Lobito)



510—HABITANTES DA CHARNECA DA FASADIA... (NINHO DE GAIOS)—(Foto do sr. Antonio Rodrigues Ferreira—Caldas da Rainha)



511—UM MENDIGO—(Foto da sr.ª D. Maria Helena Pissarra—Lisboa)



512—BARAFUNDA DE FERRO—(Foto do sr. César Costa—Chaves)



513—BARCO PARA A TOZREIRA—(Foto do sr. Armando Leça—Matosinhos)



514—MANSÃO TRANQUILA DUMA REALEZA MORTA—(Foto do sr. Reis Gonçalves—Lisboa)



515—SÉ DE COIMBRA—(Foto do sr. F. Fernandes Lobo—Lisboa)



516—RUA DO ARCO—(Foto do sr. E. Pastronilha—Constância)



517—S.ª Cruz—(Foto do sr. F. Fernandes Lobo—Lisboa)



518—ANIMAIS BRINCANDO—(Foto do sr. Antonio Campos de Melo—Oliveira de Frades)



519 — REGRESSANDO À CIDADE — (Foto do sr. Candido Ferreira dos Reis — Estoril)



520 — NO BANHO — (Foto do sr. Artur Pires — Reguengos)



521 — SADE TÃO BEM... — (Foto da sr. D. Herminia A. G. Pires — Vizeu)



522 — SEIRA DA ESTRELA — (Foto do sr. Julio Marques de Almeida — Covilhã)



523 — UM REBANHO (GUARDA) — (Foto da sr. D. Maria Helena Pissarra — Lisboa)



524 — "ESTE É BOM" — FEIRA DE SANTO TISSO — (Foto do sr. Fernando de Almeida — Lisboa)



525 — CONTEMPLAÇÃO — (Foto do sr. Domingos Aúdo — Redondo)



526 — DUAS AMIGAS — (Foto do sr. M. Caldeira — Porto)



527 — LENDO... DE COR — (Foto do sr. A. B. P. — Pombal)



528 — CABIL — PASSAGEM DE PEDROGAM PARA PEDROGAM PEQUENO — (Foto do sr. Armando Gonçalves — Coimbra)



SOLILÓQUIOS E COMENTÁRIOS



«E copos sôbre copos emboreando
Vendo da casa o teto andar em torno
E as luzes parecendo-lhe dobradas.»

É de Juvenal, mas diz de ali um bebado conhecido que afinal as bebedeiras são das poucas cousas que não mudaram. Ainda hoje são assim.

O homem mais forte é o que menos depende. Quanto mais se baste a si próprio mais rico, mais forte e mais independente é. A Felicidade é uma coisa simples e quem a queira alcançar deve ser sofrido, frugal e contente. Mas há a esta hora, à hora soturna e calada em que isto escrevo, milhões de creaturas, descobrindo a maneira de complicar a Vida. Não se lembrando que um dia vem a Morte e esta não se compra, não se suborna, não se comove...

GIL VICENIE escreveu:

«Diz lá o exemplo velho,
Dá-me tu a mim dinheiro
E dá ao dêmo o conselho.»

que o Zelotypo da *Comédia Eufrosina* de Jorge Ferreira de Vasconcelos repete: «dayme dinheiro não me deys conselho» mas nem sempre é assim. Porque há conselhos que valem mais dinheiro que o dinheiro que nos poderiam dar.

SE as bebedeiras não mudarem de Juvenal para cá também os hábitos e costumes dos larápios não se diversificaram muito de 1600 para cá. Diz Martim Afonso de Miranda: «Eu não sei em que parte seja, só vejo que na ribeira, assougue, ajuntamentos, festas de Igreja os tomão cada dia metendo a mão nas algibeiras, & cortando as cadêas de ouro.» Como hoje diz ali o Custódio das Dôres.

BRUNO chamou a Castilho «prestigioso sábio do estilo». Pois já ninguém he je o lê. É que o estilo é o homem e Castilho não foi amado. E era bem pouco interessante.

«A fé é cega» diz o Padre António Vieira. É. Mas há sempre um pontapé a tempo que se encarrega de lhe restituir a vista.

QUANDO a gente entra na vida veste uma armadura reluzente de ilusões. Depois os dias passam e o Tempo arranca-nos uma a uma as peças frágeis de que a gente se couraçara. E às tantas, às portas da velhice a gente só de-

seja que a Morte nos leve para conseguir enfim dormir descansado. E dizer ao creado: Mesmo que sôe a trombeta do Juízo final faça favor de me deixar dormir...

A luta da construção naval que a guerra destruiu acende-se novamente. Agora é a França que constroo o *Super-Ile-de-France* que ficará sendo o maior navio do mundo: 315 metros de comprimento, 36 de largo e 75.000 toneladas de deslocamento. É o desvairamento em marcha, o Progresso. Entretanto a Alemanha aguarda e espera. Em que novo *Super* estará ela sonhando?

ABO o *Ano Histórico* de Fr. Francisco de Santa Maria:

«No mesmo dia (26 de Julho), ano de 1505, em quinta-feira, se fez na cidade



de Lisboa huma solemnissima procissão, qual se costuma fazer nos dias de Corpo de Deos, e nella foi El-Rei D. Manoel, levando à sua ilhargi desde a Sé a São Domingos ao famoso Duarte Pacheco Pereira, e prégou D. Diogo Artiz, Bispo de Vizeu, fazendo hum largo panegirico em louvor d'aquelle insigne Capitão; mas o fim d'estas honras foi tal, que alguns anos depois, cahio em tanta desgraça de El-R-y, e em tanta miseria, que morreu finalmente no Hospital de Lisboa.»

Lembro-me. Foi assim em todos os tempos. E louvo a modestia das minhas ambições que se me derem o hospital dos miseráveis me poupa ao elogio dispensado pelos reis.

A grande atracção da Exposição Industrial do Parque Eduardo VII é a família negra. Sem ela a Exposição não teria metade da concorrência que a povoava. Esta vai pelos pretos e acaba por ver o resto — o trabalho do branco. E aprende, — divertindo-se.

PARA acrescentar aquele «Da infelicidade da composição, erros da escritura, e outras imperfeições da estampa, não há que dizer-vos: vós os vêdes, vós os castigai» de D. Francisco Manuel de Melo com que o nosso Afonso Lopes Vieira costuma fechar os seus livros podemos tomar a quadra de um desconhecido poeta de 1736, João Cardoso da Costa:

«Se acaso algum erro achares
Fauil há de ser a emenda:
Pois nem o maior cuidado
O pode evitar na imprensa.»

UMA coisa que nos sucede muitas vezes e a que Sampaio (*Bruno*) magistralmente deu forma:

«Escolha difficil, à laia da caricatura francesa, em que o cozinheiro diz para o coelho:

— Senhor coelho, eu não sou n-nhum déspota e reconheço os direitos alheios. Não pretendo por modo nenhum, impôr a minha vontade.

Diga, pois, o senhor coelho por qual das duas opta: — se quer ser ensopado com vagens ou se prefere sê-lo com macarrão.

MORREU em Paris, Melo Viana. Foi um médico distinto e um homem notável. Era um escritor que se lerá sempre com prazer e um bibliófilo que será recordado com admiração. Eu, é com saudades que recordo o homem, o escritor, o amigo e o bibliófilo.

«NÃO mente assim quem quer» diz Filinto Elysió. Pois não. Para mentir assim é preciso ser pelo menos licenciado.

QUANDO a gente sofre, à medida que o dia avança, o nosso sofrimento redobra de furor. Então começamos numa galopada soturna pelas horas fora a ver se nos evadimos. Às vezes o tempo amercia-se de nós e dilui a pouco e pouco o nosso desgosto. Outras vezes parece assistir impassível e a gente arrasta-se devorada de um tormento em que é preciso ser verdadeiramente heroico para não pôr o ponto final de uma bala misericordiosa. E olha-se em roda. Nem uma alma, nem uma alma! E é isto o que a maioria das vezes enche de fugitivos as estradas que vão dar à Morte. Não é uma retirada é uma fuga. São os vencidos da vida que se acolhem a um país de fronteiras infinitas onde toda a sanha perseguidora se embota, sem jámais lhes conseguir a extradição...

Albino Forjaz de Sampaio.

A LENDA DE ULRICO O MATADOR

por Paul Genève

Na alvorada da Idade Moderna, quando o mundo, cheio de admiração, travou conhecimento com uma nova força, a qual nada resistia e de que mal se explicavam ainda os céus fulminantes e diabólicos, que terrores não teriam invadido os espíritos, que lendas não se formariam nas imaginações ainda alucinadas pelas concepções da Idade Média! Na narração que segue o autor relata-nos a crônica de um criminoso que recebe como um castigo do Senhor a manifestação dessa força então misteriosa.

Ulrico rolara pesadamente do cavalo, num fracasso de armas.

Trémulo de furor e de vergonha, o fidalgo ergueu-se rapidamente e desembainhou sua enorme espada. O desconhecido saltou da sela e desembainhou também a sua. O combate foi curto. Após alguns passes fulgurantes, o desconhecido recuou bruscamente, ergueu o gládio com as duas mãos e abateu-o sobre Ulrico. Este viu o golpe e parou-o; mas sua espada foi partida e, vencido pela primeira vez, o conde caiu com o elmo amolgado e a face em sangue.

Com passo tranqüilo, o cavaleiro desconhecido montou novamente e, de espada em punho, afastou-se, sem que pessoa alguma ousasse detê-lo ou dirigir-lhe a palavra.

Ulrico ergueu-se penosamente sobre os joelhos e, afastando os escudeiros que acudiam solícitos, uivou este juramento sacrílego:

— Desgraça sobre ti. Possa eu ver-te jazendo no solo ao alcance da minha espada. Juro por meu brasão que hei de erigir no lugar em que caíres uma igreja que erguerá ao céu uma torre mais alta do que qualquer outra no mundo.

Tendo assim dito, deixou que o pensassem e retirou-se, lívido, cambaleante...

Pouco depois um homem de armas chegou, gritando que o desconhecido sofrera um acidente e estava gravemente ferido. Levado pelo galope do seu cavalo através da floresta, batera em um tronco atravessado e jazia agora na relva, inanimado.

— Viva Deus! — exclamou o conde — Se dizes a verdade eu te darei mil *gulden*. Leva-me até lá.

Quando diante do ferido, a alegria furiosa do conde Ulrico expandiu-se. Insultou ferozmente o desconhecido e, tomando a espada de um dos escudeiros, fez-lhe saltar o capacete.

— Belo cavaleiro — exclamou ele então — meus cães estão com fome. Vou dar-lhes para a ceia a tua cabeça.

O moribundo ergueu-se sobre

um cotovelo e, com os olhos fulgurantes, disse:

— És um covarde, conde Ulrico. Eu me vingarei.

Mas o conde brandiu a espada e a cabeça do infeliz, cortada de um só golpe, rolou pela relva.

Ulrico, segurando-a pelos cabelos, atirou-a à matilha. Os cães precipitaram-se para ela; mas, desde que a farejaram, rosnaram surdamente e afastaram-se com a cauda baixa, uivando.

— Nem mesmo os cães a querem — zombeteou o conde — Guardem o corpo, que pretendo fazer com êle alguma coisa.

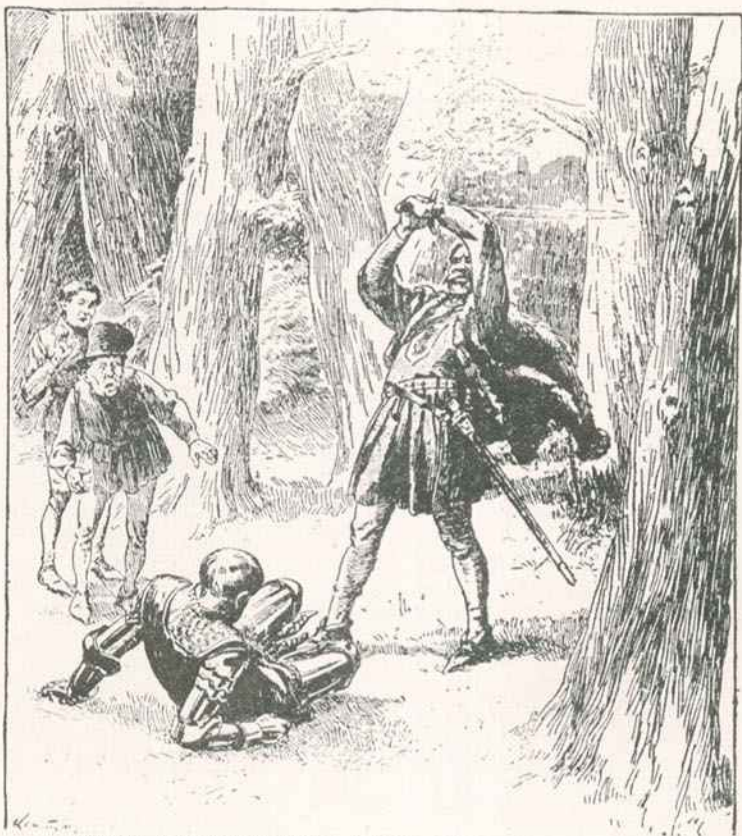
E voltou ao castelo, apoiando-se a dois homens de armas, que vergavam sob o seu peso.

Uma grande tempestade estrugiu na mesma noite e a grande nuvem negra que andou pelo céu tinha a forma de uma cabeça cortada.

Diante desse aviso celeste todos os fidalgos presentes tiveram um arrepião recordando as palavras do desconhecido: *Conde Ulrico, eu me vingarei.*

O fidalgo cumpriu sua palavra. Uma igreja ergueu-se diante de seu *burg* com uma torre tão prodigiosamente alta que às vezes as nuvens se prendiam à sua cruz de bronze.

Antes de começar o edifício tinham cavado uma fossa profunda na qual o corpo sem-cabeça do desditoso cavaleiro fôra depositado. O conde com suas próprias mãos colocara o primeiro bloco de pedra dos alicerces



O CONDE ULRICO ERGUEU A ESPADA E ABATEU-A SOBRE O INIMIGO PROSTRADO

COM A CABEÇA ERGUIDA, O VELHO FIDALGO ESPEROU A EXPLOÇÃO LIBERTADORA

O viajante, que desce o curso do Reno, avista logo além de Mayence, na encosta de uma colina rochosa que vem morrer junto do rio, os blocos enormes, a ruína épica de um castelo desmantelado, evocando visões medievais. Nossa imaginação revê em torno daqueles destroços imponentes a silhueta dos altos e terríveis burgraves, cuja legenda corre ainda de boca em boca naquela região. Se interrogarmos em daqueles bateleiros êle nos contará a aventura medonha do fidalgo que, por ter matado, foi condenado a viver.

Era na época em que os homens eram mais altos e mais fortes do que hoje, em que vestiam sem fadiga as formidáveis armaduras cujo tamanho e peso hoje nos assombram.

Ora, de todos os homens do seu tempo, Ulrico, conde de Frankenthal, era o mais agigantado e robusto; ninguém manejava a espada com maior desembaraço, e a de que se servia ultrapassava de um palmo qualquer outra, e sua lâmina tinha a largura das palmas de suas duas mãos, colocadas uma ao lado da outra. Seus domínios eram imensos, seu castelo invulnerável, sua côrte magnífica.

Winibaldo, o *Urso*, seu pai, caíra em combate com um bárão visinho e deixara-o aos 19 anos senhor absoluto da província. O jovem conde governava-a como tirano, odiado e temido.

Quando completou vinte e cinco anos, celebrou essa data com um esplêndido torneio, ao qual vieram de todos os cantos da Europa numerosos cavaleiros em busca de glória. Nunca o terrível conde de Frankenthal combatera melhor. Durante o mês, que duraram as festas, atirou do cavalo nada menos de cinqüenta dos mais afamados campeões, sem ser derrotado uma só vez. Sua só presença apavorava os mais bravos. Assim, tôdas essas festas foram para êle um longo triunfo, e seu coração orgulhoso dilatava-se desmedidamente.

Mas, subitamente, na tarde do último dia, quando se ia encerrar o torneio e proclamar Ulrico vencedor, surgiu no campo fechado um cavaleiro desconhecido, que aproximou-se do conde e tocou-o levemente no peito com o cabo da lança. Ulrico, assim provocado, ficou por alguns instantes silencioso, estupefacto, ao ver que êsse cavaleiro era de sua estatura e parecia ser de sua força. Depois fez selar seu melhor cavalo de batalha, pôs à cabeça o enorme elmo de prata, sobre o qual uma águia negra abria as asas e, de lança em punho, penetrou na arena. O desconhecido esperava-o.

As trombetas soaram; um arauto fez um sinal e, diante da multidão, que detinha o âlego, ansiosa, os dois gigantes precipitaram-se num turbilhão de poeira, levados pelo galope de seus corcéis. O encontro foi formidável. Ouviu-se o choque das lanças sobre as couraças, e tôda a assistência, até então silenciosa, soltou um grande grito, porque o conde

sobre esta base: um cadáver. Depois tôda a construção se erguera com solidez de desafiar os séculos, tôda de granito, assegurada por espessos grampões de ferro.

Cinquenta anos durou o trabalho. No dia em que quatro homens audaciosos e hábeis acabaram de fixar a cruz no alto do imenso campanário, o conde Ulrico, já velho mas ainda robusto e temido, ergueu os braços exclamando:

— Eu quisera viver tanto quanto viverá esta igreja.

Na mesma noite, estando deitado, ouviu uma voz misteriosa, que lhe dizia:

«Conde Ulrico. Teu voto será satisfeito. Viverás tanto como tua igreja e nada terás a temer por tua vida até o dia em que encontrares um homem capaz de derrubá-la, sozinho, em um só instante».

No dia seguinte, o fidalgo reuniu sua côrte e orgulhosamente relatou-lhe a predição. E todos, bradando *milagre!*, ajoelharam-se diante dêle porque temiam a sua cólera. Porém os mais moços disseram no fundo de seu coração: «Ele teve um sonho». E os mais velhos conhecendo a jactância de Ulrico, pensaram: «Ele mentiu».

Ora Ulrico chegara a cento e onze anos. Já não podia caminhar senão apoiado a um bastão e um menino de dez anos seria capaz de atirá-lo ao solo. Havia já cerca de meio século que uma moléstia misteriosa curvando sua estatura gigantesca não lhe deixava forças sequer para erguer a espada do chão. Os que então manejavam armas não o tinham visto já mais cavalgar um corcel ou brandir uma lança.

Seus filhos e os filhos de seus filhos tinham morrido todos. Para os demais parentes êle era apenas um velho doente e fraco de quem suportavam com impaciência a velhice impotente.

Seus vizinhos orgulhavam-se ao ver que não tinham que recear seus furores; e já não continham os risos de mofa quando o viam passar.

Humilhado e abatido Ulrico começou a desejar a morte. Morrer; não sofrer mais, não sobreviver à sua força e ao seu prestígio. Era agora a única ambição que o destino lhe permitia. Dos males sem remédio somente a morte é a grande consoladora. E a morte, que ceifava às cegas em tôrno dêle os velhos e os moços, poupava sempre o velho conde.

Então Ulrico compreendeu o que já mais suspeitara. A predição que outrora lhe fizera tamanho orgulho não era uma recompensa; era uma vingança e um castigo. Assim como outros são condenados à morte, êle estava condenado à vida.

Intacta como no primeiro dia, a igreja erguia ao céu a cruz de bronze do seu campanário e o conde tremia ao pensar que nunca se encontraria ninguém capaz de o libertar da vida abatendo aquêlê monumento de solidez espantosa. Que homem seria bastante

forte para deitar abaixo em um só golpe aquêla massa de granito ligado a ferro?

Mandou chamar o Cavaleiro Negro, o mais bravo de seus varões, o que já mais encontrara vencedor, e disse-lhe:

— Amigo. Reclamo o auxílio de tua lança. Põe abaixo está igreja e far-te-ei herdeiro do meu condado.

Mandou chamar Weghauser, o caçador:

— Tu, que detens um javali na carreira e sufocas um urso entre teus braços possantes, não és capaz de derrubar um monte de pedras?

Mandou que viesse Baumgartner, o lenhador.

— Não és tu o rei da floresta, o que abate com machado irresistível os carvalhos plantados por Deus e resistentes a centenas de anos?

A todos prometia riquezas imensas, todo o ouro que fôsem capazes de carregar. Mas nenhum se atreveu a tentar a aventura.

— Eu sei combater os homens, mas minha



OS DOIS CAVALHEIROS PRECIPITARAM-SE UM SOBRE O OUTRO, AO GALOPE DE SEUS CORCEIS

lança quebrar-se-ia de encontro a estas pedras— respondeu o Cavaleiro Negro.

— Todos os machados perderiam o fio sem abalar sequer uma destas muralhas— disse o lenhador.

E o caçador terrível deixou cair os braços em ar de desânimo.

Começou a espalhar-se a notícia de que o conde Ulrico enlouquecera, pois pedia uma coisa impossível.

Passaram mais cinquenta anos durante os quais, a cada dia, o velho fidalgo insultava ou supplicava a morte. As vezes empunhava a adaga resoldido a enterrá-la no peito, mas uma força sobrenatural, a convicção de que sua vida estaria irremissivelmente ligada à existência da igreja, detinha-lhe o braço.

Muitos anos passaram ainda.

Uma noite, já no meio do século XIV, um homem magro e moreno, todo vestido de negro, chegou ao castelo e, apresentando-se ao conde Ulrico, disse:

— Eu sou aquêlê que esperas. Posso deitar abaixo a igreja que construiste.

O velho ergueu ansiosamente a cabeça; mas, depois de fitar o estranho, murmurou:

— Não zombes da minha desgraça. Eu bem sei que isso é impossível.

— Conde Ulrico: eu posso abater a igreja em um só momento. Um monge de Mayence inventou um pó maravilhoso, que permitirá êsse prodígio.

O velho ergueu-se, e, curvado, vacilante, conduziu o homem de preto até o subterrâneo do seu castelo. Ali havia em montões moedas de Carlos Magno, *dinheiros* do rei Otto II, *augustos* de ouro e prata, cunhados com o selo do arcebispo Videmann, de Henrique o Leão, dos margraves de Brandeburgo e de Frederico o Barba-roxa... Com um gesto o fidalgo mostrou aquêlê tesouro e disse:

— É tudo teu... tudo, se derrubares a igreja.

Sem responder, o homem abriu um saco que trazia ao braço e encheu-o de ouro. Depois partiu prometendo voltar em breve. Reapareceu três dias depois, colocou em uma das torres do *burg* um saco do pó maravilhoso e partiu de novo com outro saco de ouro. Durante três meses continuava essa

manobra, trazendo de cada vez um saco e levando outro. Só se deteve quando não estava uma só moeda no subterrâneo. Então ficou um dia inteiro fechado só na igreja e ao sair declarou:

— Conde Ulrico; se não me engano completa-se hoje teu 250.º aniversário. Vamos celebrá-lo dignamente.

E partiu, deixando o velho fidalgo imóvel e ansioso diante do templo imenso.

De súbito, o silêncio tranqüilo da noite foi cortado por um ruído formidável; os camponeses despertados em pânico e acudindo às portas viram a parede principal da igreja aberta de cima a baixo por uma brecha incom-

preensível, diante da qual, não mais curvado mas erecto em tôda a sua estatura gigantesca, o conde Ulrico esperava.

Uma segunda explosão abalou a atmosfera; uma estátua do portal projectada como por uma catapulta caiu sobre um tecto de palha e incendiou-o; blocos de pedra saltavam para todos os lados pondo em fuga os camponões. As explosões continuavam precipitadas e cada uma eliminava um trecho do enorme edificio. Afinal restava apenas o solo, no qual se destacava, concentrado e imóvel, o conde Ulrico.

Mas os alicerces saltaram também e então os que de longe observavam o sinistro viram uma cena espantosa e horrível.

Da névem de pó e fumaça erguida pela última explosão ergueu-se um vulto apavorante, o corpo de um homem sem cabeça.

O conde Ulrico moveu-se, recuou, mas o fantasma aproximava-se mais depressa; suas mãos estenderam-se, tocaram a fronte do matador e êle caiu, inteiriçado, livre afinal do castigo tremendo.

Essa é a lenda que ainda se conta, nos séculos de camponeses, ao longo do Reno, entre Mayence e Carlsruhe.

...Vida Feminina

NADA mais bem organizado em Inglaterra, do que os "Clubs", de "Sport". Em geral os estrangeiros que vão em viagem de turismo não têm ocasião de frequentar esses "Clubs", tão interessantes, porém muito fechados, só podem ser visitados pelos seus sócios, e, pelos seus convidados, e mesmo esses têm de dar o seu nome com antecedência, para os outros sócios verem e diserem se concordam com essa visita. Isso que parecerá talvez exagerado a muita gente é para mim, uma garantia, visto que assim há a certeza de uma recepção simpática. Nos arredores de Londres há entre muitos, dois magníficos "Clubs", de "sports", Ranelagh e Rolhampton. Ambos elegantíssimos e frequentados pela melhor sociedade. Foi a Rolhampton que eu tive a felicidade de ir, acompanhada com a maior gentileza por um amigo, Mr. Richards, que sabendo o quanto me interesse pelo "sport", em geral leve a graciosa idéia de me convidar a passar um dia no seu "Club". Ali almoçamos num delicioso restaurante, aberto sobre um jardim maravilhoso, cheio das mais deslumbrantes flores, onde os passarinhos esvoaçavam e vinham até às mesas debicar as migalhas. Nesse cenário encantador foi servido um esplêndido e reparador almoço.

Em seguida fomos assistir a uma interessante

partida de "croquet", jogo esse em que o meu amigo Mr. Richards se salienta, sendo campeão do "Club". Lindos e numerosos terrenos de "croquet", cobertos da mais bela relva, estavam cheios de jogadores de uma "maestria" admirável decorrendo as partidas com o maior entusiasmo. Visitei depois todas as independências do "Club", e nunca tinha visto um tão lindo espectáculo como o das imensas "courts", de "tennis", cheios de rapazes e raparigas, todas vestidas de branco. Elegantes e de uma vigorosa mocidade davam um aspecto de verdadeira beleza, de beleza grega. A minha impressão foi de que estava vendo um friso de escultura grega. Era um belo espectáculo de triunfante mocidade saudavel, forte e esbelta.

O "tennis", era jogado ao som de uma música, que ao ar livre, naquele lindo dia de Julho, se casava maravilhosamente com o ar de alegria saudável que respiravam jogadores e jogadoras de radiosa juventude. Era uma verdadeira festa dos olhos, essa mocidade, alegre e saudável, jogando com gestos de uma grande elegância, nesse ambiente de sol, de flores e de música. Aproximando-se a hora do dia, foi servido em mesinhas, num outro jardim não menos bonito e guarnecido de lagos onde os nenúfares floriam brancos como pombas poissadas, ou vermelhos como flores de sangue sobre as águas tranquilas. O chá que é uma das mais agradáveis refeições inglesas, foi servido com esse ar de intimidade, que torna essa hora tão deliciosamente simpática. É a hora da soberania da mulher, que é quem serve o chá, mesmo quando é convidada; e, que tem assim ocasião de ser feminina e útil como é neste mundo o seu verdadeiro papel. Para findar a tarde desse admirável dia, de que conservo uma saudatíssima recordação, fui assistir a uma partida de polo, jogo esse que não conhecia e que é um dos mais belos que existem, sobretudo, para quem, como eu, é uma apaixonada da equitação. O desafio entre "Horse-Guards", e "Life-Guards", decorreu com o maior interesse sendo muito para admirar a destreza das mulheres e a agilidade dos cavalos, pequenos "poneys", de movimentos rapidíssimos e de tal maneira adestradas no jogo, que auxiliam os cavaleiros dando com as patas na bola e até dando pequenos coices, que desviam a bola no sentido favorável a quem os monta. De todos os desportos a que assisti, foi este sem dúvida o mais empolgante,



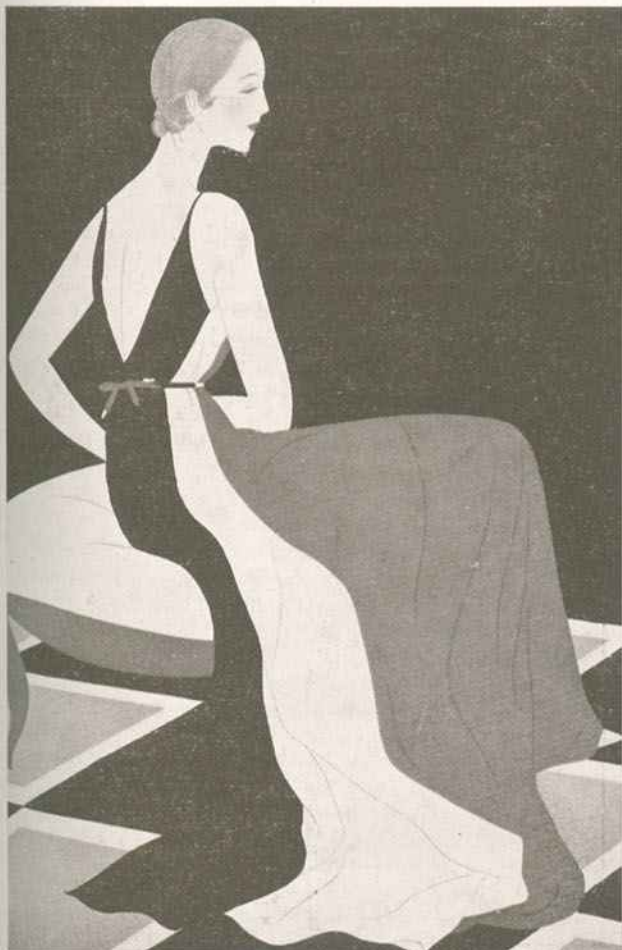
porque é verdadeiramente belo esse jogo de destreza e de força executado por homens na força da vida. E' para notar que é um jogo, que exige uma fortuna porque o esforço dos cavalos é tal, que apenas uns minutos podem correr sendo continuamente substituídos e sendo caríssimos os cavalos, cinco ou seis que tenha cada jogador, representa já isso uma verdadeira fortuna. Expondo eu a minha admiração a Mr. Richards pela aparência de todos os jovens que tinham visto, nesse dia fazendo tão variados desportos ele, contou-me como tinham conseguido em Inglaterra devalar pelo desporto metodizado a tuberculose. Há 30 anos a Inglaterra era um dos países mais assolados por esse flagelo da humanidade, hoje é um dos países de menor percentagem da terrível doença. Como seria interessante que entre nós se fizesse o mesmo e vermos renascer a raça numa sã juventude cheia de alegria e força. A minha impressão desse dia encantador, que sempre agradecerei a Mr. Richards, é a de sol, alegria mocidade e saúde num paiz belo e próspero onde a raça é saudável e forte.

Maria de Eça.

Modas

A moda, terrível tirana, espreita-nos sempre com as suas novidades, e, hoje, damos às nossas leitoras um lindo modelo da última moda dos vestidos de noite, os vestidos de três côres. Esse vestido de uma simplicidade de corte, mas de uma elegância perfeita é executado em setim preto, setim branco e setim azul. Maravilhosamente combinados os tons, esse vestido de uma elegância rara, e de uma grande novidade tem o cunho profundamente vincado do modernismo. Se nas duas estações nos dissessem, que se usariam os vestidos em três côres, não o acreditaríamos e pensaríamos talvez que seriam uma palhaçada, mas nós, que as vimos nas mais elegantes casas de Londres, podemos afirmar, que são de uma rara elegância e que as côres se combinam muito bem.

O outro modelo é de uma grande utilidade





prática. Em setim branco, pode ser usado para a tarde num chá em casa, ou para a noite como um vestido de baile. A saia completamente ajustada na cintura, permite que este vestido, tenha dois corpos separados, um de mangas compridas e *écharpe* e outro decotado, caracteristicamente de baile. É portanto um vestido muito prático e muito elegante, com o seu corte de grande elegância e

simplicidade. Este vestido deve agradar muito às senhoras económicas, que gostam de encontrar modelos que são aproveitáveis para usos, o que os torna práticos e evitam uma despesa dupla.

As crianças

NADA mais encantador do que ver a felicidade das crianças na praia. Ali como em nenhuma outra parte, elas estão em contacto directo com a natureza e crescem e se desenvolvem com um aspecto de saúde que nos faz vêr como é natural o entusiasmo infantil á beira-mar. Este ano a época das praias está acabada e apenas nos chega o eco do que foram. Damos uma gravura que mostra bem a alegria das crianças na praia e qual é a vida tão cheia de liberdade que fazem e que só pôde contribuir para o seu bem estar e para a alegria dos pais que nêles se reveem.

É necessário que entre nós se comece a cuidar inteligentemente da criança, não com êsse amor que abafa e lhe tira toda a alegria e iniciativa mas sim com a compreensão do que é útil para a sua saúde física e moral. O que as torna sãs de corpo, e fortes de alma. A criança educada com outras em brincadeiras sãs e livres, vigiada mas não espiada, como o hábito de ter decisão e energia, o que na vida só lhe pôde ser útil e que mais tarde faz homens e mulheres que se sabem dirigir e que perante a mais insignificante contrariedade não estacam surpresos e atonitos, como



se a vida fôsse apenas feita de facilidades. É preciso que os pais pensem sempre, que os filhos terão mais tarde de viver a sua vida, com alegria e contrariedades e que é necessário preparar-lhes a alma forte que os tornará vencedores.

Os olhos

O que torna belo o rosto de uma mulher bonita, são em geral, uns lindos olhos. Nada há que mais faça brilhar a beleza feminina e que torne deliciosa uma mulher, mas os olhos são o mais difícil de modificar. São bonitos ou não, seguido a natureza os fez. No entanto podem tratar-se. É um erro pintá-los. A pintura dos olhos apenas consegue tornar velhas as senhoras que a usam. O que deve fazer-se é lavar os olhos com água fervida morna com uns pingos de limão. Ao enxugar os olhos arquear ligeiramente as pestanas e pôr-lhes um pouco de vaselina, assim como nas sobrançelas. E depois muitas vezes a beleza dos olhos, não é o tamanho nem a côr, é a expressão. Uma alma bela traduz-se na luz do olhar e, quasi se pode dizer que não há olhos feios.

Trabalhos femininos

SEMPRE o *tricot* nos aparece como o mais útil dos nossos trabalhos. Damos hoje um modelo de *sweater* para uma rapariguinha. É sempre prático, para andar em casa e para o desporto, nada se lhe pode igualar, é, êsse motivo, que nos leva sempre que a ocasião se nos oferece, a dar um novo modelo às nossas leituras. Esperamos que o de hoje, que é acompanhado da amostra do ponto, lhes agrade em absoluto e que possam aumentar assim o número dêsse prático vestuário, que se nos tornou quasi indispensável e que é sempre um dos nossos favoritos.

A mulher no desporto

HOJE a mulher faz tanto desporto como o homem e na verdade isso só traz benefício á humanidade. Da saúde e da força física da mulher, depende a saúde dos filhos e não é pequena essa razão, para fazer com que a mulher desenvolvesse os seus músculos e se esforce por ter uma melhor saúde. Um dos desportos mais em voga nos países desportivos é o *golf*. Em Inglaterra vemos os inúmeros campos de *golf* cheios de raparigas, que com agilidade e graça, jogam o *golf*. Habitando-se a andar léguas por montes e vales sem se fatigar e a fazer portanto uma vida higiênica e racional. Na América a organização do *golf* é perfeita. Damos uma gravura em que se vê como são interessantes as provas de *golf* de uma escola de raparigas. O seu



elevado número de monstros como o jogo é apreciado e os resultados práticos para a saúde são êsses exemplos de raparigas, que representam hoje, pode assim dizer-se, o tipo da mulher perfeita e saudável em todo o mundo. O desporto hoje é aconselhado em toda a parte. O primeiro desporto a que a mulher se dedicou, foi por assim dizer, a equitação. Mas êsse desporto tem sofrido imensas modificações nos últimos tempos. E a prova temo-la no traje de montar a cavalo, de que hoje damos um modelo às nossas leitoras.

Que diferença não há entre as andas em que as senhoras cavalgavam na idade média e a maneira de montar de agora. Ainda há 70 anos o traje de montar, com a sua longa cauda e a pluma do chapéu, era bem diferente do que é hoje. Em seguida o chapéu alto com o véu enrolado começou a masculinizar essa *toilette* que hoje pode assim dizer-se, não difere em nada, do traje masculino, sendo bem difícil de dizer pelas costas, quais são os cavaleiros ou as amazonas. Ainda que aproveamos sempre o desporto e sobretudo êsse, lamentamos, que a mulher abandonasse a sua antiga maneira de montar que a tornava bem graciosa e feminina e fazia valer uma bonita figura de mulher.

Uma jornalista

ENTRE as jornalistas estrangeiras que frequentam Paris, conta-se a jóvem princesa Esma, neta de Ab-al-Kader, que pertence à redacção do *Akam* (A Noite), o grande quotidiano francês de Constantinopla. É a primeira mulher turca, que fez grandes reportagens e artigos sensacionais de actualidade. É morena com grandes olhos negros, que reflectem o Oriente de onde vem. Tendo-lhe perguntado se lamentava o *Harem*, respondeu: «Nunca o conheci. Minha mãe, filha do Emir Moneddin,



senador e conselheiro do Sultão, educou-me à europeia». De facto fez os seus estudos no liceu americano de Constantinopla e é laureada em letras. Vai ainda à América aperfeiçoar-se no jornalismo, passará ali dois anos e vai seguir um curso de filosofia e a escola do jornalismo que ali é perfeita. Não há dúvida que a mulher turca bate a mulher do resto da Europa com a sua nova actividade.

Do passado

A revolução francesa, que despedaçou tantas cadeias que ligavam ao passado deixou o uso gentil de que uma vez por ano as vendedeiras das «Halles» passem ao castelo Versailles, render homenagem ao rei. Elegiam em geral a mais velha das peixeiras para fazer o discurso, que declarava ao rei, que se sentia orgulhosa de lhe prestar homenagem, em nome de todas as peixeiras da boa cidade de Paris. A Restauração assistiu ainda pelo menos uma vez, a uma dessas manifestações de lealismo, ingénio e franco, da parte da deputada das peixeiras a qual, se dava o nome generico de M.^{me} Augot. Foi em 29 de dezembro de 1820, por ocasião do nascimento do duque de Bordeus que as mulheres do peixe saudavam cantando: «Como foi bela a noite de 29, que nos deu um principzinho novo». As peixeiras capitaneadas por uma nova madame Augot, foram em corporação, a Versailles apresentar as suas homenagens ao pai do menino, Luís XVIII. O pomposo discurso foi composto por Chateaubriand. Madame Augot levava pregada sobre o coração uma medalha com a inscrição *Viva o Rei* como a sua antepassada, quando se dirigia a Luís XV, cada uma delas recebeu uma medalha comemorativa da visita oferecida com gratidão pelo rei. Mas nunca ha que fiar nas manifestações populares. As próprias peixeiras foram as primeiras a aplaudir a República quando se implantou em França. No entanto é interessante conhecer os costumes do passado tão interessantes e diferentes do que são hoje. Não discutimos se são melhores hoje do que há séculos, apenas constatamos a diferença de hábitos e de costumes.

Receitas de cosinha

Biscoitos «Bom Jardim». — Farinha de trigo meio quilo, manteiga de vaca 250 gramas, assu-



car branco em pó 250 gramas, ovo um. O assucar dissolve-se com a manteiga e o ovo, e, depois deita-se a farinha a pouco e pouco, amassa-se muito bem, até que a massa se largue das mãos. Depois descansa meia hora tendô descansado dá-se a forma que se deseja e vão ao forno num taboleiro polvilhado de farinha. O forno não deve estar excessivamente quente.

Dôces de Evora. — Ingredientes: Dez gramas de manteiga, uma chicara de assucar, duas chicanas de farinha de trigo, dois ovos, uma colherada de fermento inglez, meia chicara de leite, uma pitada de sal e um pouco de cognac. Batem-se juntos durante dez minutos o assucar, os ovos e a manteiga. Depois de passada a farinha, o fermento e o sal, pela peneira, junta-se tudo com o leite e uma colher de cognac. Põe-se numa fôrma untada com manteiga e vai ao forno. As chavenas usadas como medida são as de chá.

Sopas

○ *Petit Parisien* publica um curioso artigo sobre o modo de cada nação fazer sopa. Os franceses e os italianos preparam a sopa com carne e verduras da estação; os portugueses que chamam ao seu caldo *cosido* com carne de vaca ou carneiro, com chouriço e toucinho. Os espanhóis têm o seu *puchero*, que se assemelha a um prato do tempo de Luís XIII. A influência ibérica não se fez sentir nos Países Baixos. A sua sopa de inverno o *crutensoep* compõe-se de ervilhas secas, de salsichas, de toucinho e de cabeça de porco. Os russos e os alemães fazem caldo de carne temperado, com miscaros secos. Os ingleses têm gostos mais simples e preferem o caldo

feito com rabo de boi. A palavra sopa não é antiga. Só appareceu no século xv, numa descrição dum banquete que teve lugar na ocasião do casamento de Henrique V com Catarina de Calais. Desde então começou a moda das grandes terrinas de Faenza, em que os artistas dis-

pendiam a sua arte magnifica e que tanto se prestavam às grandes linhas e às ricas decorações.

De mulher para mulher

Violeta. — Sim, minha senhora, os chapéus de feltro continuam a usar-se. Para *toilette* é mais *chic* o chapéu de veludo, mas isso não impede que o simpático feltro seja sempre preferido para as *toilettes* práticas.

Gaby. — Acho extraordinária a sua pergunta. São assuntos em que só o seu coração a pode aconselhar. Se um lhe agrada mais do que o outro é porque é evidente que é desse

que gosta e não posso compreender de maneira nenhuma a sua hesitação, a não ser que seja movida por uma questão de interesse, que me não diz.

Jóvem mãe. — Mesmo no inverno o branco é encantador. Faça-lhe um casaco em lã dos Pirinéus, branca, com um vestidinho branco e um chapéu de feltro branco. Ficará o seu bebé elegantissimo e lindo.

Luz ausente

*As vezes a desoventura
É preferivel, senhora,
Á sorrinhosa ventura
Colorida como a aurora*

*Na minha alma triste, escura,
Lampejou arroubadora,
Essa luz, tão viva e pura
Que nos gentilisa e doura.*

*E eu que vivia quieto,
Embora sem um affecto
No fundo da obscuridade...*

*Sinto-me mal actualmente,
A chorar a luz ausente,
A vossa astral claridade.*

PAULINO DE OLIVEIRA.

Museu

REABRIU em Munich o museu histórico da Fakohtplatz. É um ponto central da velha cidade e ocupa um edificio gótico construído em 1410. Até ao ano de 1869 o palácio era arsenal e foi só depois de ter sido dissolvida a Laudwehr bávara, que se pensou em utilizá-lo para museu histórico. Alguns anos mais tarde o município de Munich adquiriu ao famoso antiquário Maillinger, documentos e quadros, que se referem à história de Munich e da Baviera. Agora sob a direcção do Doutor Hausfstanji, procedeu-se à restauração do palácio e à organização da colecção que merece ser visitada pelos estrangeiros. O grande hall gótico foi dedicado a armaria A antiga sala de conselho contém os afamados *Marcus Katanzer* do escultor gótico Erasmus Grasser as quais estão finalmente na devida luz. Outros dois salões contém estampas e quadros referentes à vida social de Munich desde 1800 a 1850. Muito interessante é a exposição dos trajes de todas as regiões bávaras expostos em boa ordem em três salas do museu.

Pensamento

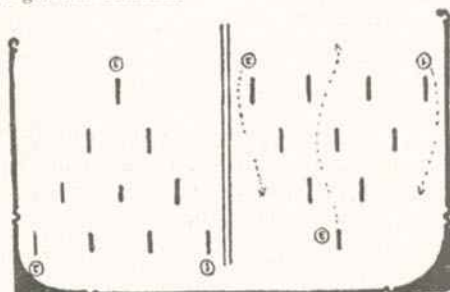
O amor é como as cinzas reacende ao mínimo sópro.





TRANSPOSIÇÃO DE FOSFOROS

Disponham dez fósforos pela forma que se vê no grupo da esquerda da gravura e vejam se lhe podem inverter a ordem mudando, apenas, de lugar três fósforos.



Se o não conseguirem olhem novamente para a gravura toda e verão os fósforos que hão de mudar. No primeiro grupo os fósforos a mover estão numerados 1, 2 e 3. Ora 1 e 2 mudam-se para cima na direcção das setas para a segunda linha, ficando nessa linha quatro fósforos. O número 3 sai lá de cima e vem para a extremidade inferior do grupo e assim fica invertida a posição d'êste. Não há nada mais simples.

ANEDOTAS

— Ele gaba-se de que nasceu para mandar.
— Pois case e verá.

• • •

O mestre das obras: — Queira desculpar, mas é a senhora quem está cantando, aqui no prédio?
A senhora: — Sou eu mesma. Porquê?

O mestre: — Vinha pedir-lhe para não sustentar tanto tempo as notas altas. Os meus operários já por duas vezes largaram o trabalho julgando ser o apito do meio dia.

• • •

— Há ocasiões em que muito gostava de ser homem! — disse ela, pensativamente.

— Pode saber-se quando? — perguntou o marido.

— Quando passo por uma loja de modas ou de chapéus e penso como poderia tornar feliz minha mulher, oferecendo-lhe um chapéu novo ou um vestido.

• • •

O professor: — Qual é a melhor maneira de conservar os peçogós?

O pequeno, lúcido e esperto: — Guardá-los numa prateleira bem alta.

PALAVRAS CRUZADAS

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
I										
II										
III										
IV										
V										
VI										
VII										
VIII										
IX										
X										

Horizontais:

I — O que se compra sem venda. II — Rebate — Rei de Judá. III — Andar à roda — Transformar em aba. IV — Em seguimento. V — Combinação de sons agradáveis. VI — Peça que se introduz no meio de um petardo — Planeta. VII — Enfezado — Está alegre. VIII — Rio de Itália — Preposição e artigo. IX — Inspiração — Jogo de azar. X — Primeira nota da escala musical — Proposição — Carta de jogar.

Verticais:

1 — Grande quantidade — Nôme próprio feminino — Pronome. 2 — Ligação — Três letras de desport. 3 — Mel levado ao ponto de açúcar — Duas letras de tômo. 4 — Libertinagem — Acusado. 5 — Cruel — Negativa. 6 — Oferece — Macaco. 7 — Símbolo molecular da cal — Artigo francês. 8 — Estar inquieto. 9 — Prefixo designativo de igualdade — Marcha na segunda cadeira. 10 — Rio da Suíça — Preceito — Artigo.

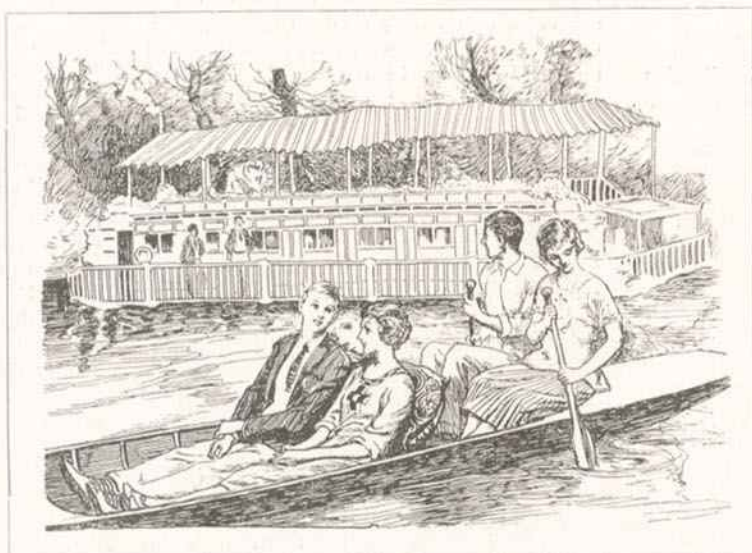
XADREZ

(Solução)

Os movimentos das brancas são:

- 1 — D 8 B R +
- 2 — D 6 D
- 3 — D 4 B R +
- 4 — D 4 D
- 5 — D 1 C R + +

É escusado dar o movimento das pretas porque são todos forçados. É verdade que têm por onde optar no segundo lance, mas não faz diferença. Há de notar-se que a idéa do problema é fazer com que o peão preto contribua para a sua própria queda, tornando-se o que se chama «um tropeço».

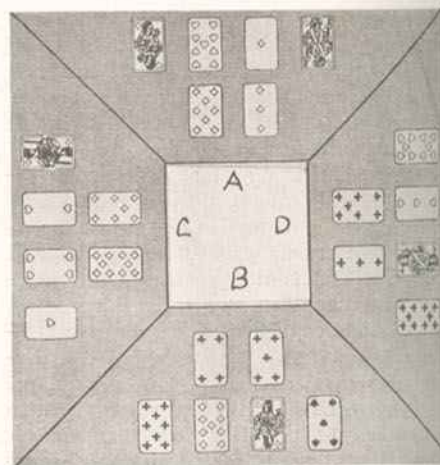


Procurando bem, hão de vêr-se aqui mais oito companheiros d'êste passeio fluvial.



Ele: — Que dizes, se eu te oferecer umas peças de roupa pelos teus anos?
Ela: — Ficava radiante! Sei duma casa onde se compra com vinte por cento!
Ele: — Rica idéia!
Ela: — Pois é. Com o que sobeja do desconto podes comprar-me outra cousa qualquer.

BRIDGE



Trunfo é espadas e A é mão. A faz quatro das seis vasas.

VIAS AÉRIAS

Na região misteriosa da estratosfera, a altitudes extremas, o ar é tão rarefeito que o homem não pode ali viver sem o recurso do oxigénio artificial. E todavia, no entender dos entendidos serão aquelas a vias aéreas do futuro.

Os aviões poderão desenvolver ali velocidades incriveis. Um jovem engenheiro alemão, o sr. Perl, conta atingir, a 12 quilómetros de altura, a velocidade de mil quilómetros por hora, e atravessar o Atlântico em seis horas.

O professor austríaco está trabalhando na construção dum aparelho em que os passageiros serão instalados numa *cabine* completamente fechada, podendo assim resistir à pressão do ar.

A maior altitude até agora atingida foi a de 16.000 metros, pelo professor Piccard. Antes dele, subira o capitão aviador norte-americano Gray a 13.000 metros, vindo a morrer numa segunda tentativa. O piloto alemão Neunhenhofer, em 1929, atingiu 12.747 metros.

A' venda a 9.ª edição

DE

Doida de Amor

NOVELA

por ANTERO DE FIGUEIREDO

«Conhece-se através deste livro o psicólogo subtil, penetrante, escrupuloso, exacto, capaz de percorrer quilómetros sobre uma folha de rosa, de explicar em vinte volumes de análise a sombra furtiva de um capricho de mulher».

— Julio Dantas.

1 vol. de 276 pags., brochado

10\$00

Encadernado **14\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

NOVO DICIONÁRIO

DA

LÍNGUA PORTUGUESA

Por CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc.

QUARTA EDIÇÃO

Muito corrigida e copiosamente aumentada.

O Novo Dicionário é o mais actualizado, autorizado e completo Dicionário da Língua Portuguesa

A aparição do NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, em 1900, foi calorosamente saúdada pela imprensa periódica de Portugal e do Brasil.

Em sessão da Academia das Ciências fez o elogio da obra o falecido académico Gonçalves Viana, grande autoridade portuguesa em assuntos de lingüística; e a principal corporação literária e científica da vizinha nação, a Real Academia Espanhola, que raros estrangeiros recebe no seu grémio, elegeu seu sócio o autor do NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, aprovada a proposta, feita nesse sentido, pelo famoso escritor e diplomata Juan Valera, pelo filólogo e senador Daniel de Cortejar e pelo sábio Mir.

Podemos afirmar que o autor, à custa de longas e incalculáveis fadigas, conseguiu reunir, em todas as esferas da actividade e do saber humano, cerca de 130.000 vocábulos portugueses que ainda não estão registrados nos menos incompletos e menos imperfeitos dicionários da língua pátria.

Um dicionarista conhecido, cuja obra abrange realmente numeroso vocabulário, ufana-se de que o seu dicionário abranja 66.000 vocábulos. Acrescente-se a esta cifra mais 53.613 e entrever-se-á que os vocábulos reunidos pelo sr. Dr. Cândido de Figueiredo no NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, abrange nesta nova edição um número que atinge 119.613 vocábulos ou artigos.

2 grossos vol. sólidamente enc. em carneira 250\$00

PEDIDOS A S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80 — LISBOA

NOVIDADE LITERARIA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

Saíu o tomo 36 completando o 3.º e último volume da monumental

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção

de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século xviii. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-símiles de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fóra do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguezas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada tomo de 32 páginas 10\$00

IMPORTANTE: — A partir de 1 de Janeiro de 1933 a HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, só será vendida em volumes.

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00

” ” ” ” carneira 190\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A' venda a 2.ª edição

A batalha sem fim

ROMANCE

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 308 págs., brochado . . . **12\$00**
Encadernado **16\$00**

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

NOVA EDIÇÃO

Touros de morte

POR **BLASCO IBAÑEZ**

Um dos mais interessantes livros deste autor

1 volume de 384 págs., brochado . . . **10\$00**
encadernado . . . **14\$00**

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

As Minhas Aventuras pela Europa

POR

Charlie Chaplin (CHARLOT)

**INTERESSANTÍSSIMO LIVRO DO POPULAR
AZ DO CINEMA**

1 volume de 250 páginas brochado **10\$00**

À venda em todas as livrarias

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

BIBLIA DA VIDA

Tesouro do pensamento humano

COLLECÇÃO DE 10.000 MÁXIMAS, PENSAMENTOS E SENTENÇAS COLHIDAS NAS OBRAS DOS MELHORES AUTORES NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Por **Morais Leal**

446 assuntos — 1361 autores — Por ordem alfabética

Este livro, que se apresenta despido de pretensões, procura preencher apenas uma lacuna que, no nosso meio literário, era há muito sentida.

Em todas as línguas cultas existem obras similares, e o apreço em que o público as tem, pode avaliar-se facilmente pelo número das edições, que rapidamente se esgotam, dando lugar a outras sucessivas e sempre melhoradas. Poderíamos citar dezenas de títulos dos livros no género do nosso, que figuram nos catálogos das melhores livrarias estrangeiras, se o nosso intuito fôsse reforçar, por uma curiosa e bem organizada resenha bibliográfica, o que afirmamos e supomos inútil comprovar, sabido como é de todos os que acompanham dia a dia o movimento editorial dos centros de maior expansão literária.

Na **BÍBLIA DA VIDA**, a selecção dos pensamentos, máximas e sentenças colhidas dos melhores autores antigos e modernos foi feita com o maior escrúpulo, observando-se nela o conselho de Thomereau: *o pensamento de três linhas, que não deixar no espírito a impressão de que poderia consagrar-se-lhe um capítulo, carece de valor.*

Obra preciosa para todos os que fazem da pena profissão, julgamo-la também interessantíssima para os que apreciam as boas letras, e tão digna de enfileirar na estante dos eruditos ao lado dos melhores clássicos, como numa escolhida biblioteca feminina a par dos livros que mais encantam o espírito da mulher.

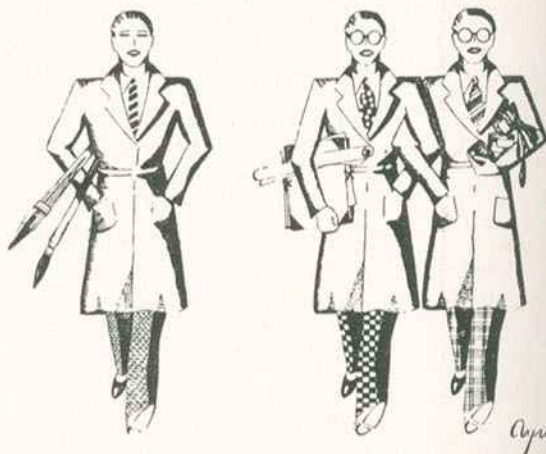
Com este livro o menos culto brilha nas suas conversações

1 GR. VOL. DE 529 PÁGS. ELEGANTEMENTE
ENC. 17\$00; BR. 12\$00

PEDIDOS A **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE

21368

BERTRAND
IRMÃOS, L. DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 — LISBOA

Acaba de sair a nova edição

A CATEDRALPOR **BLASCO IBAÑEZ***Um dos mais notáveis livros da literatura romântica contemporânea em toda a Europa*1 volume de 338 pags., brochado . . . **10\$00**
encadernado . **14\$00**

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESAPOR **A. R. Gonçalves Viana**(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortoépico da Língua Portuguesa»)**Com mais de 100:000 vocábulos, conforme a ortografia oficial***EM APÊNDICE: O acôrdo ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.*1 VOL. COM 664 PAG., ENCADERNADO, **15\$00**

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

DICIONÁRIO

DO

Football Associação

ILUSTRADO COM 37 GRAVURAS

Com a apresentação do **Dr. Salazar Carreira****Contendo termos técnicos ingleses e seus equivalentes em português. Regras do jogo e casos de deslocação****Livro indispensável a todos os amadores de football**1 vol. enc. com capa a ouro com
cêrca de 100 pags. **7\$00**

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL
— Rua da Condessa, 80, 1.º — Lisboa —**COLEÇÃO FAMILIAR**VOLUME
BROCHADO
Esc. **7\$00****P. B.**VOLUME
ENCADERNADO
Esc. **12\$00****Romances morais próprios para senhoras e meninas**

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e a meninas, vem preencher uma lacuna há muito sentida no nosso meio literário.

Nela serão incluídas somente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico suggestivo interesse, oferecem também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma, de tudo quanto, numa palavra, deve germinar no espírito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e de seduções, quer, desabrochada em flôr após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãe de família, educadora de filhos e eserinio de virtudes conjugais.

VOLUMES PUBLICADOS:

M. MARYAN**Caminhos da Vida. Em Volta dum Testamento. Pequena Rainha. Dívida de Honra. Casa de Família. Entre Espinhos e Flôres. A Estátua Velada. O Grito da Consciência. Romance de uma herdeira. Pedras Vivas.**

VOLUMES NO PRELO:

Casa sem Porta. A Pupila do Coronel.PEDIDOS A **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
Rua da Condessa, 80—LISBOA**A' venda a 3.ª edição**

DE

ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES

POR

AQUILINO RIBEIRO«Os descritivos do romance, que muitos são, insinuando-se-nos alguns na retina como paisagens de mestre, encontram parceiros condignos nos diálogos que o salpicam e em que é flagrante a naturalidade.» — *César de Frias.*1 vol. de 356 páginas { brochado . . . **12\$00**
encadernado . **16\$00****À venda em todas as livrarias**

Pedidos á

LIVRARIA BERTRAND

73 Rua Garrett, 75—LISBOA

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00 15\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br....	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br....	9\$00 8\$00
ARTE DE AMAR — (2.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 15\$00; br....	10\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00 8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), Enc. 13\$00; br....	8\$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br....	15\$00 8\$00
ELES E ELAS — (4.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br....	12\$00 10\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	8\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 volume Enc. 13\$00; br....	8\$00 9\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br....	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br....	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br....	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ...	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENORIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMÓN DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br....	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br....	2\$00
REI LEAR — 2.ª edição, 1 vol. Enc. 14\$00; br....	9\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	2\$00 6\$00
SEVERA (A) — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ...	8\$00 5\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ...	3\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA
OU À **LIVRARIA BERTRAND**
Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

Saiu a nova edição

ESTUDOS SOBRE O CASAMENTO CIVIL

POR

ALEXANDRE HERCULANO

1 volume de 284 paginas | brochado. 10\$00
| encadernado 14\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Como obter ideias lucidas e clareza de espírito

POR

G. VOGT

Manual completo para se vencer a preguiça da inteligência, a falta de energia, a fraqueza de espírito, a falta de memória, etc., etc., segundo os experimentados doutores Haig, Cantani e Lévi

1 VOLUME DE 154 PAGINAS, BROCHADO, 7\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

SE QUERES VIVER, DESPERTA E LUTA!

ARTE DE REVIGORAR

A ALMA E O CORPO

POR

ELICK MORN

1 VOLUME DE 268 PAGINAS, BROCHADO, 10\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Saiu a nova edição

CARTAS

de

ALEXANDRE HERCULANO

2 volumes de 594 paginas, brochado 20\$00
Encadernado. 28\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

BOLACHAS

A GRANDE
M A R C A
PORTUGUESA

Variadas e
saborosíssimas
qualidades

UM UNICO FABRICO
O MELHOR

NACIONAL



O MELHOR ALMOÇO
O MAIS AGRADÁVEL
RECONSTITUINTE
OVOMALTINE
É A SAÚDE

DR. A. WANDER, S. A. — BERNE
À VENDA EM TODA A PARTE, EM LATAS DE 110, 250 E 500 GRAMAS, RESPECTIVAMENTE AOS PREÇOS DE 8\$50, 16\$00 E 30\$00
Únicos concessionários em Portugal
Alves & C.ª (Irmãos)
Rua dos Correiros, 41, 2.º — Lisboa